

MARGARETH DE SOUZA FREITAS

A DERIVAÇÃO REGRESSIVA NA
PERSPECTIVA DO MODELO DRESSLER:
ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Letras, área de concentração: Lingüística de Língua Portuguesa, da Universidade Federal do Paraná, para obtenção do grau de Mestre em Letras.

CURITIBA

1990

**A DERIVAÇÃO REGRESSIVA NA PERSPECTIVA DO MODELO DRESSLER:
ALGUMAS CONSIDERAÇÕES**

POR

MARGARETH DE SOUZA FREITAS

Dissertação aprovada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Letras, pela comissão formada dos professores:

ORIENTADOR:

Prof. Dr. Antônio José Sandmann

CO-ORIENTADOR:

Prof^ª. Iara Bemquerer Costa

.....
Prof. Dr. Geraldo Mattos

.....
Prof^ª. Dr^ª. Cecília Inês Erthal

(....) a auto-realização é essencialmente um "efeito colateral" da plenitude de sentido, da transcendência de si mesmo.

VIKTOR E. FRANKL

Ao Sr. Noé e à D. Anna, exemplos de generosidade, e a todas
as pessoas "desensimesmadas"

AGRADECIMENTOS

A meus pais, irmãos e irmãs, pelo apoio.

Ao prof. José Borges Neto, pelas discussões enriquecedoras e pelo exemplo de dedicação à profissão.

Ao prof. Dr. Antônio José Sandmann, pelas contribuições valiosas.

À prof^a. Iara Bemquerer Costa pela paciência e atenção dispensadas.

À prof^a. Marlene Rodrigues, pela amizade e disponibilidade.

Ao prof. Dr. Édison José da Costa, eficiente Coordenador do Curso de Pós-Graduação em Letras.

À Coordenação para Aperfeiçoamento do Pessoal de Nível Superior - CAPES, pela bolsa de estudos.

Aos amigos de todas as horas e a todas as pessoas que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho.

SUMÁRIO

RESUMO.....	vii
ABSTRACT.....	viii
INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO I - FUNDAMENTOS DA PROPOSTA DE DRESSLER.....	5
1 NATUREZA X CONVENÇÃO.....	6
2 O PRINCÍPIO DA NATURALIDADE EM FONOLOGIA.....	14
3 FUNCIONALISMO E NATURALIDADE.....	21
CAPÍTULO II - ASPECTOS ESTRUTURAIS DO MODELO DRESSLER.....	26
CAPÍTULO III - REVISÃO DE LITERATURA - DERIVAÇÃO REGRESSIVA.....	43
1 CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES.....	44
2 UM LÉXICO COMPOSTO DE PALAVRAS.....	47
2.1 A VISÃO TRADICIONAL.....	47
2.2 "BACKDERIVATION".....	51
2.3 A PERSPECTIVA GERATIVA.....	54
3 UM LÉXICO COMPOSTO DE RADICAIS.....	62
3.1 A PROPOSTA DE LOBATO.....	62
4 A POSIÇÃO DE DRESSLER.....	68
CAPÍTULO IV - DERIVAÇÃO REGRESSIVA EM PORTUGUÊS: CONTRIBUIÇÃO À TEORIA TIPOLOGICA.....	70
CONCLUSÃO.....	88
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	92

RESUMO

O presente trabalho trata da derivação regressiva na perspectiva do modelo DRESSLER.

Aplicando-se a Escala de Iconicidade Construcional de DRESSLER a dados do português, como ponto de partida, constatou-se que a derivação regressiva (DR), considerada tradicionalmente como um processo de subtração, é bastante produtiva no português contemporâneo, contrariando, assim, a previsão do autor de uma improdutividade geral dessa técnica nas línguas.

A revisão de literatura sobre a DR revelou duas posturas básicas: a tradicional, considerando-a como redução, e a de LOBATO, que a define como a simples projeção de um radical verbal. Uma terceira posição, defendida por SANDMANN, considera a DR como afixação. Por um processo dedutivo, chega-se à posição de DRESSLER, adepto em potencial da proposta de SANDMANN, a qual confirma as previsões da Escala de Iconicidade Construcional.

Finalmente, mantendo-se a posição tradicional e incluindo-se a DR entre as regras de subtração, apresenta-se uma estatística da produtividade das regras de formação de palavras no português.

Sugerem-se, por fim, uma investigação mais aprofundada sobre a DR e novos questionamentos sobre a estruturação das escalas no modelo de DRESSLER.

ABSTRACT

The present work deals with the backderivation in the perspective of DRESSLER's model.

Applying DRESSLER's scale of Constructional Iconicity to portuguese data, as a starting point, it was realised that backderivation, traditionally considered as a subtraction process, is very productive in contemporary Portuguese, contradicting the author's prediction of the general unproductiveness of this technique in the languages.

The literature revision about backderivation revealed two basic positions: the traditional one, considering it as subtraction, and LOBATO's, that define it as the simple projection of a verbal root. One third position, presented by SANDMANN, considers the backderivation as afixation. Through a deductive process, we arrive to DRESSLER's position, probably a SANDMANN's supporter, confirming the predictions of the Constructional Iconicity Scale.

Finally, supporting the tradicional position and including backderivation among the subtraction rules, a sample of productivity in the portuguese word-formation rules is provided.

To conclude, it is suggested a deeper investigation on backderivation as well as on the structural form of the scales of DRESSLER's model.

INTRODUÇÃO

O léxico de uma língua constitui, indubitavelmente, fonte inesgotável de revelações acerca da competência dos falantes. Por tratar-se de uma área em constante transformação, é no léxico que se evidencia o aspecto criativo da linguagem, revelando tendências e captando traços culturais peculiares da comunidade falante.

A formação de palavras, nesse contexto, é o mecanismo que permite ao falante exercer sua competência lexical e fazer uso dos recursos que a língua oferece, no momento em que o deseja, sem ter de sobrecarregar a memória com a armazenagem de um número excessivo de palavras distintas.

No português, essa vasta área da formação de palavras tem sido pouco estudada, constituindo campo bastante fértil para a pesquisa lingüística. Por esse motivo, bem como pelo fascínio que exerce sobre os que dela se aproximam, elegeu-se a formação de palavras como objeto de estudo.

O ponto de partida foi o trabalho de SANDMANN, no qual se destacam várias formações novas e reveladoras de uma grande produtividade de processos considerados comumente como "resíduos históricos", tais como a atuação da regra /ão/->/ON/ em campeão -> campeoníssimo, caminhão -> caminhoneiro e palavras do tipo eletricitário, em que há uma dessonorização da consoante /d/ na derivação. Paralelamente a esses processos, levam-

taram-se as questões da aplicabilidade dos sufixos *-ção* e *-mento*, formadores de substantivos a partir de verbos, questão essa que envolve a noção de bloqueio de ARONOFF, e do processo de escolha da vogal final das derivações regressivas como *desarme*, *engorda* e *afrouxo*.

Inicialmente se pretendia abordar todos esses assuntos, por se reconhecerem possíveis motivações morfológicas agindo sobre as alterações fonológicas. Como modelo de análise, a Fologia Gerativa Natural parecia o modelo ideal, pois propunha exatamente a distinção entre fenômenos fonológicos e morfológicos, possibilitando uma descrição fiel quanto à natureza dos fenômenos enfocados.

Ao se tomar conhecimento do modelo de DRESSLER, que, além de apresentar os requisitos desejados, oferecia a vantagem adicional da "novidade" de sua proposta de naturalidade, fez-se a escolha desse modelo de análise. Porém, o quase total desconhecimento que se tinha do modelo e o tempo relativamente curto de que se dispunha para a realização do trabalho levaram a uma delimitação maior do objeto de análise. Decidiu-se, então, pela análise da derivação regressiva, pois sua característica subtrativa, unida a sua produtividade, representava um dado importante tanto para a formação de palavras no português, quanto para o modelo em questão, que, entre outros pressupostos, tem o processo de adição como mais natural do que o de redução.

Face ao exposto, decidiu-se por um questionamento da derivação regressiva na perspectiva do modelo DRESSLER. Assim, esta dissertação objetiva apresentar, ainda que em forma de

recorte, a proposta de DRESSLER, bem como levantar algumas questões sobre a derivação regressiva em português, especialmente no que se refere ao seu aspecto subtrativo. A hipótese inicial que se coloca é de que a derivação regressiva em português constitui um processo de formação de palavras por subtração, sincronicamente produtivo, e que, portanto, constitui ponto de questionamento da proposta de Naturalidade Morfológica de DRESSLER.

O trabalho compõe-se de quatro capítulos — Fundamentos da Proposta de DRESSLER, Aspectos Estruturais do Modelo DRESSLER, Derivação Regressiva (Revisão de Literatura) e Derivação Regressiva em Português: contribuição à teoria tipológica.

No primeiro capítulo, discutem-se alguns pontos fundamentais para a compreensão do modelo em questão, quais sejam: Natureza x Convenção, O Princípio de Naturalidade em Fonologia e Funcionalismo e Naturalidade. No segundo capítulo, é apresentado um recorte do modelo, com destaque para os aspectos que se julgaram relevantes na consideração da derivação regressiva. Quanto ao capítulo da revisão de literatura sobre a derivação regressiva, esse é dividido em dois grupos, segundo a concepção de léxico dos autores — 1. Um Léxico Composto de Palavras e 2. Um Léxico Composto de Radicais —, finalizando com um terceiro item sobre A Posição de DRESSLER. O primeiro grupo abrange a visão tradicional, a derivação regressiva no inglês e a perspectiva gerativa. Já o segundo grupo é formado apenas pela proposta de LOBATO.

Concluindo, o quarto capítulo é uma espécie de síntese das propostas apresentadas, em confronto com a proposta de DRESSLER. A partir daí, apresentam-se possíveis soluções para a questão da derivação regressiva, além de um quadro aproximado da tipologia morfológica do português, segundo os critérios de DRESSLER.

CAPÍTULO I

FUNDAMENTOS DA PROPOSTA DE DRESSLER

A compreensão do modelo de morfologia natural de DRESSLER não prescinde da apresentação de seus pressupostos fundamentais, os quais são apresentados neste capítulo inicial, através da explicitação de suas escolhas quanto às seguintes questões: natureza x convenção, o princípio da naturalidade em fonologia e funcionalismo e naturalidade.

1 NATUREZA X CONVENÇÃO

O caráter da relação existente entre a linguagem e o mundo (entre a palavra e aquilo que ela designa) constitui o cerne de uma discussão filosófica que remonta à Grécia Antiga. Por tratar-se de uma controvérsia que extrapola o campo da linguagem, já que envolve posturas distintas diante do mundo, a concepção a respeito da natureza do nome — se este existe segundo a natureza das coisas, conforme o arbítrio de cada um ou se é estabelecido por um legislador que conhece a natureza das coisas — constituía um critério para classificação dos estudiosos antigos.²⁹ (31)

Os sofistas, adeptos do uso retórico do discurso, acreditavam que a linguagem só conduz a si mesma, desconsiderando, assim, a questão de sua adequação ao real. Para esses filóso-

fos, o fundamental na linguagem é a sua funcionalidade, ou seja, sua eficiência na arte de persuadir.⁸⁹(35)

Contrariamente à visão sofística, PLATÃO apresenta uma concepção filosófica segundo a qual a linguagem conduz a alguma coisa além dela própria e, portanto, o discurso pode dizer ou não dizer verdade. Trata-se do uso dialético do discurso, no qual a verdade se interpõe à relação entre a linguagem e as coisas.⁸⁹(45)

No diálogo *Crátilo*, que trata especificamente da linguagem, as personagens discutem se os nomes são arbitrariamente dados às coisas, ou se correspondem a uma realidade mais profunda. Dele participam Crátilo, defensor da tese naturalista, Hermógenes, que defende a tese do arbitrário e Sócrates, cuja opinião é solicitada. No decorrer do diálogo, Sócrates reconhece que o natural é superior ao convencional, admitindo, porém, a intervenção do uso, da convenção como fator complementar. Conclui-se, ao final, pela tese naturalista, embora os conceitos de naturalidade de Sócrates e Crátilo não sejam idênticos. Enquanto Sócrates faz uso da *mimese* (imitação) para explicar a linguagem como arte operada pelo legislador de nomes, o qual, através dessa técnica, cria uma imagem do que é, Crátilo tem uma concepção naturalista de adequação da linguagem ao real, sem a *téchne*.⁸⁹(48)

Nesse diálogo, a controvérsia naturalismo/convencionalismo deixa de ser absoluta, em decorrência do estabelecimento do estatuto do nome como algo que não é a própria coisa, pois

⁸⁹(...) a *téchne* é o fazer conforme a natureza, é o fazer de acordo com o *eidos* (uma idéia das coisas). (NEVES, 1987, p.46).

como instrumento e imagem ele implica natureza e convenção. A partir do reconhecimento de que a linguagem conduz a algo que lhe é externo, desenvolve-se toda uma teoria da significação.²⁹ (53)

A tese naturalista postula que o nome é justo (apropriado) porque é natural, enquanto a tese convencionalista argumenta que o uso do nome é que leva à consideração de sua justeza. Essas duas posições orientam as discussões da época, e os filósofos gregos posteriores se posicionam quanto à questão: os estóicos adotam a posição de Crátilo e os cépticos, a de Hermógenes.⁹ (9)

Para os naturalistas, a adequação das palavras às coisas podia ser demonstrada ao se desvendar a "realidade" subjacente a sua aparência e a ela se chegava através da investigação etimológica das palavras.²⁴ (5) Nessa perspectiva, a forma é apropriada ao significado de duas maneiras: a primeira é representada pelas palavras imitativas do tipo tilintar, tictac, cuckoo, etc, denominadas onomatopéias e que, segundo os estóicos, formam a série fundamental de nomes dos quais a língua evoluiu. A segunda é representada por palavras que apresentam sons imitativos ou sugestivos de qualidades físicas especiais, de atividades, etc.. Esse tipo de relação é denominado simbolismo fonético, cuja teoria reaparece no mundo latino com Santo Agostinho, que acredita no valor sinestésico dos sons, afirmando, por exemplo, que as sílabas que têm "v" possuem qualquer coisa de grosso e forte.⁸ (9)

Em seu livro O Problema do Simbolismo Fonético, CORREIA questiona o caráter natural das onomatopéias:

Além de aproximativas - e consequentemente inexatas - as onomatopéias são cheias de convencionalismo. Nós somos iludidos e escravizados pelo hábito. Não nos fiscalizamos; não observamos a palavra sob o aspecto fônico. Numa onomatopéia ouvimos, não os sons que na realidade se produzem, mas os que esperamos ouvir, por a isso estarmos habituados desde a época em que começamos a falar.⁸ (24)

Para ilustrar essa afirmação, CORREIA cita o exemplo fornecido pelo foneticista Maurice de Grammont de que ao se escutar um pêndulo, em seu movimento da esquerda para a direita, ouve-se "tic-tac"; da direita para a esquerda também se ouve "tic-tac", embora se devesse ouvir "tac-tic". Isto mostra que o "tic-tac" não reproduz exatamente o ruído do pêndulo e que só se ouve esse som porque é o que se espera ouvir, não importando a ordem de seu movimento.⁹ (25)

Quanto ao simbolismo fonético propriamente dito, CORREIA afirma que

Não há laço harmônico regular ou permanente entre o som e a significação: há apenas fonemas que, quando o sentido da palavra condiz, podem produzir uma impressão que, somando-se ao significado, torna mais explícita ou enfática a ideia [sic] expressa. "Lúgubre" não é triste por ter duas vezes a vogal "u" de que Castilho diz: 'É o "u" com um som abafado que se emite com a boca já quasi [sic] de todo cerrada. O "u" mudo e surto, parece convir à desanimação, à tristeza profunda, aos assuntos lutosos'.¹⁰ (26)

A lingüística moderna, cujo início oficializou-se com a publicação do Curso de Lingüística Geral (1916), de Ferdinand de SAUSSURE, tem como primeiro princípio a arbitrariedade do signo lingüístico.

A palavra arbitrário necessita também uma observação, pois não deve dar a idéia de que o significante depende da livre escolha do falante: queremos dizer que é imotivado, isto é, arbitrário

com relação ao significado, com o qual não guarda, em realidade, nenhum vínculo natural.³⁵(83)

Ao interpretar o signo verbal como formado de **significante** (ou imagem acústica) e **significado** (ou conceito), SAUSSURE, ao menos aparentemente, desloca a questão da arbitrariedade/naturalidade da relação signo/mundo (proposta pelos pensadores antigos) para a relação **significante/significado**, ou seja, para o interior do próprio signo. A questão, entretanto, não é tão simples quanto parece. BENVENISTE já dizia, a propósito, que SAUSSURE, ao expor o princípio da arbitrariedade do signo lingüístico, falseia seu próprio raciocínio, apelando inconscientemente para um terceiro elemento: a realidade, a coisa.⁴(54)

Assim, ao mesmo tempo em que assegura que a relação entre a "idéia" de soeur (irmã) e o significante s-o-r é uma relação arbitrária, SAUSSURE afirma também que os termos b-o-f e o-k-s se aplicam à mesma realidade (boi), contradizendo, assim, sua definição inicial de signo, na qual essa "realidade" não está incluída.⁴(54)

Segundo BENVENISTE, essa contradição entre o modo como SAUSSURE define o signo lingüístico e a natureza fundamental que lhe atribui se deve a uma concepção histórica relativista do fim do século XIX, da qual SAUSSURE é remanescente. Nessa concepção, a infinita diversidade das atitudes e dos julgamentos leva à consideração de que nada aparentemente é necessário. Da universal dessemelhança, chega-se à universal contingência.⁴(55)

Para BENVENISTE, porém, o elo entre o significante e o significado não é arbitrário, mas necessário. Essa necessidade vem do fato de que a simbiose existente entre os elementos do

signo é tão estreita quanto aquela existente entre corpo e alma na constituição da pessoa humana.⁴(55)

O raciocínio de BENVENISTE quanto a essa questão é o seguinte: considerando-se que a língua é forma e não substância, como queria SAUSSURE, deve-se admitir que a lingüística é a ciência das formas, excluindo-se, portanto, da compreensão do signo, a substância. Por outro lado, o arbitrário só existe quando se pensa nas particularidades substanciais da coisa; em conseqüência, a relação arbitrária só pode ocorrer entre o signo e a realidade, sendo então relegada para fora da compreensão do signo lingüístico.⁴(59)

Em Roman JAKOBSON, ocorre um novo deslocamento de enfoque, pois a naturalidade é vista sob o prisma da teoria dos diagramas* de PEIRCE. Em seu artigo À Procura da Essência da Linguagem, JAKOBSON afirma haver um nítido caráter diagramático tanto na combinação de palavras em grupos sintáticos (ex.: se chover, eu não vou: primeiro a condição, depois a conclusão), quanto na combinação de morfemas em palavras (ex.: a relação entre os diversos graus de comparação dos adjetivos: positivo, comparativo e superlativo nas diversas línguas indo-européias - high-higher-highest no inglês).²⁴(108)

Segundo JAKOBSON, a adição de fonemas para a formação do plural reflete, na forma, a idéia do significado. Para ele, existem espécies de diagramas gramaticais que apresentam, nos próprios alternantes, um valor claramente icônico; por exemplo: a reduplicação do radical ou de parte dele nas formas do

*No diagrama, a semelhança entre o significante e o significado 'concerne apenas às relações entre suas partes'. (JAKOBSON, op. cit., p.105).

plural, do iterativo, durativo ou do aumentativo de diversas línguas africanas e americanas. Além disso, para acrescentar a idéia de diminuição ou exprimir um grau de aumento, ocorrem certas substituições de vogais e consoantes por outras, as quais se assentam no valor sinestésico latente de certas oposições de fonemas: (...) tal contraste é sustentado por um outro complexo sinestésico que associa a tonalidade surda dos fonemas graves com a pesadez, e a tonalidade viva dos fonemas agudos com a leveza.⁸⁴ (113) Note-se, no entanto, que essas digressões sobre o valor sinestésico de alguns sons são marginais a sua proposta de naturalidade.

Sintetizando as várias abordagens da questão naturalidade/convenção apresentadas até aqui, distinguem-se basicamente três tópicos fundamentais: o problema da naturalidade entre os gregos, a definição saussuriana do signo e o impasse colocado por BENVENISTE e, finalmente, a proposta de JAKOBSON.

Na discussão da naturalidade entre os filósofos gregos, a questão é centrada na relação linguagem/mundo. As várias posições quanto à polêmica são evidenciadas no diálogo Crátilo, sendo Sócrates quem dá o tom conciliatório, ao admitir a intervenção de ambos os fatores — natureza e convenção — na constituição do nome. Já SAUSSURE, ao caracterizar a ligação entre as partes do signo como arbitrária, tenta focar a questão de um outro ponto de vista: o da relação significante/significado. Porém, como mostra BENVENISTE, seu projeto se desfaz por suas próprias palavras, pois, ao considerar os componentes do signo como frente e verso de uma mesma folha, a ligação entre eles não pode ser arbitrária, mas necessária. Em

vista disso, só se pode pensar em arbitrariedade quando há um terceiro elemento envolvido: a realidade, o mundo.

A noção de diagramaticidade adotada por JAKOBSON recupera, sob outro ângulo, a proposta de SAUSSURE, já que aborda a questão do ponto de vista da relação significante/significado. Na relação diagramática, o que conta é a ligação analógica ou proporcional (indireta) entre o signo (num sentido amplo) e seu processo de formação. Portanto, essa abordagem dispensa o elemento "mundo", ao mesmo tempo em que não entra no mérito da simbiose existente entre as partes do signo.

Essa visão da naturalidade enquanto relação diagramática é também o enfoque central da proposta de morfologia natural de DRESSLER (via Semiótica de PEIRCE).¹⁷ Assim, embora DRESSLER, a exemplo de JAKOBSON, faça algumas considerações paralelas sobre um certo simbolismo fonético - em seu artigo *Introducción a la Morfología Natural*, DRESSLER afirma que la vocal "i" puede evocar la imagen de un objeto pequeño y querido, por lo que dicha vocal es muy adecuada para los diminutivos¹⁷(3) - sua visão da naturalidade se aproxima mais da visão estruturalista, sugerida inicialmente por SAUSSURE e retomada por JAKOBSON, do que da visão dos gregos.

¹⁷Essa ligação com a Semiótica será apresentada no capítulo II.

2 O PRINCÍPIO DA NATURALIDADE EM FONOLOGIA

A partir da postulação de entidades teóricas, como o fonema e o arquifonema, pelas teorias fonológicas estruturalistas, o distanciamento entre essas entidades abstratas e o dado físico torna-se evidente. A fim de honrar seu compromisso com os dados empíricos, ou seja, com aquilo que é efetivamente produzido, a fonêmica estrutural tenta preservar a "naturalidade" da relação entre o nível fonêmico e o fonético através do estabelecimento das condições de linearidade e invariância.

Enquanto a condição de linearidade garante que cada ocorrência de um fonema na representação fonêmica seja associada a uma sucessão de fones consecutivos na representação fonética, como seu 'membro' ou 'realização', e que, se A precede B na representação fonêmica, o fone associado a A deve preceder o associado a B na representação fonética,³⁹(56) a condição de invariância afirma que cada fonema F tem associado a ele um certo conjunto de traços definidores e que, sempre que F ocorre numa representação fonêmica, há uma ocorrência desses traços na representação fonética correspondente.³⁹(56)

Esses princípios são refutados pela Fonologia Gerativa Transformacional, que considera a gramática um conjunto de regras universais internalizadas pelo falante e que busca, através da eliminação das redundâncias permitidas pela fonêmica estrutural, uma maior generalização das representações fonológicas. Conseqüência disso é um aumento excessivo do grau de abstração dessas representações, que se distanciam, em grau proporcionalmente elevado, das representações fonéticas.³⁸(64)

Em vista disso, a preocupação dos fonólogos gerativistas é voltada para o resgate da realidade psicológica atribuída às representações fonológicas. Assim, a **Condição de Naturalidade**, proposta por POSTAL, afirma que a relação entre as estruturas fonológicas e fonéticas é uma relação natural.³²(64) Essa restrição, segundo POSSENTI, (...) ao mesmo tempo em que é uma refutação à teoria estratificacional e uma proposta alternativa às condições de linearidade e invariância (uma versão menos forte), é, de fato, uma proposta positiva.³²(64) Para esse autor, o que se quer obter, postulando a **Condição de Naturalidade**, são gramáticas particulares que desviem o mínimo possível da teoria universal.³²(66)

Assim, pode-se dizer que, na **Fonologia Gerativa Standard** a naturalidade, obtida através de um critério formal, é considerada como uma relação interna ao significante e não mais como uma relação entre significante e significado (uma relação interna ao signo), como em SAUSSURE e JAKOBSON, nem como uma relação entre signo e mundo, como entre os gregos.

Com o surgimento da **Fonologia Gerativa Natural** (VENNEMANN & HOOPER, 1971), a naturalidade é proposta como uma reformulação da versão de POSTAL, através da **Condição de Naturalidade Forte**, que funciona como uma restrição sobre a forma das representações lexicais. Posteriormente, essa condição é substituída pela **Condição de Naturalidade Forte Revista**, segundo a qual o léxico não é uma lista de morfemas, mas de todas as palavras da língua em sua representação fonética.

Ao postular que os falantes apenas constroem generalizações que sejam verdadeiras em estrutura de superfície e transparentes,³³(231) a **Fonologia Gerativa Natural** utiliza-se de princípios substantivos universais subjacentes a essas generalizações. Através da **Condição de Generalização Verdadeira**, que garante que as generalizações sejam verdadei-

ras na estrutura superficial, e da Hipótese de Transparência Semântica, que assegura que (...) uma derivação semântica de categorias conceptuais secundárias a partir de primitivas, de terciárias a partir de secundárias, etc., é refletida por uma derivação sintática ou morfo-fonológica paralela,¹⁹ (243) esse modelo questiona os critérios formais utilizados pela Fonologia Gerativa Standard.

HOOPER faz distinção entre Regras F (ou processos) e Regras MF (regras com referência a traços morfológicos, sintáticos e lexicais). As primeiras são motivadas foneticamente, enquanto as últimas têm uma motivação semântica através do Princípio de Transparência Semântica. Para HOOPER, somente as Regras F estão sujeitas a condições de naturalidade, pois as Regras MF estão fora do domínio dos princípios fonológicos, ou seja, fora do domínio da motivação fonética.¹⁹ (232)

No modelo de Fonologia Natural de David STAMPE (1979), a naturalidade se manifesta, ao nível formal, na relação entre os níveis fonético e fonológico. Ao nível explicativo, o autor propõe uma teoria natural no sentido do diálogo platônico, em que se apresenta a linguagem como um reflexo natural das necessidades, capacidades e universo de seus utentes, mais do que simplesmente uma instituição convencional.¹⁸ (28)

STAMPE reconhece a existência de Regras (morfofonêmicas e morfológicas: não-naturais, aprendidas) e Processos (fonológicos/fonéticos: naturais, inatos). Para ele, os processos fonológicos são influenciados por forças implícitas na vocalização e percepção humanas.¹⁸ (27)

Quanto à natureza das representações fonológicas, a Fonologia Natural considera que essas representações não incorporam os sons abaixo do nível de perceptibilidade, já que o nível fonêmico é definido pelo princípio de naturalidade (ou

de motivação fonética), princípio esse que aponta para a necessidade da existência de uma hipótese empírica para o estabelecimento das representações subjacentes.²⁶(13)

Nesse modelo, são criticados os critérios formais utilizados pela Fonologia Gerativa Standard para a avaliação das gramáticas, bem como a natureza formal das regras fonológicas e a inexistência de um conteúdo empírico essencial no estruturalismo e na Gramática Gerativa Transformacional. Ao explicar o seu objeto de estudo, mostrando que provém naturalmente da natureza das coisas, a Fonologia Natural não pretende descrever o seu objeto de estudo exaustiva e exclusivamente, isto é, gerar um conjunto de línguas fonologicamente possíveis.²⁶(10)

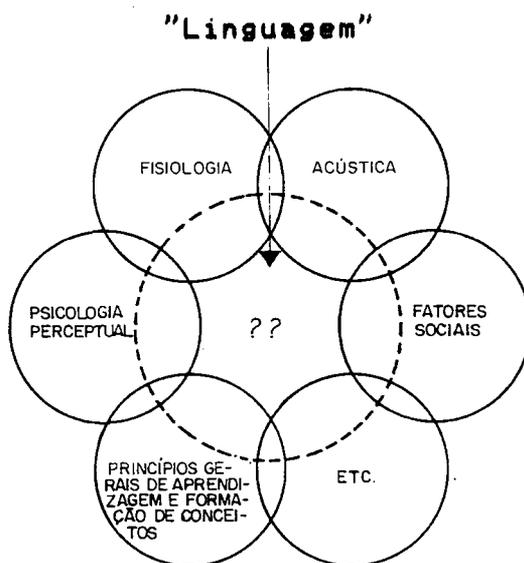
Stephen R. ANDERSON (1981), em seu artigo Razões pelas quais a fonologia não é "natural", critica as fonologias naturais por levarem à solução de questões fonológicas a partir de critérios externos à própria fonologia.

Até que ponto podemos esperar que as propriedades da linguagem reflitam as de outros domínios? Em cada caso, concluímos que a relação (se existir) é indireta, e que uma descrição adequada dos sistemas fonológicos das línguas naturais tem de conceder uma função central a um conjunto de princípios que não têm uma origem direta em considerações extralingüísticas.⁴(217)

Referindo-se especificamente ao modelo STAMPE, o autor afirma ainda que

a linguagem não é apenas 'um reflexo natural das necessidades, capacidades e universo de seus utentes', é também o produto de uma faculdade cognitiva distinta, em relação à qual não temos razões para esperar que existam analogias literais noutras capacidades ou restrições humanas. Nesse sentido, a fonologia é claramente não-'natural'.⁴(217)

ANDERSON critica tanto o pólo das fonologias naturais, que reduzem a linguagem a sua substância, quanto o pólo oposto das fonologias gerativas, que pretendem reduzi-la à sua forma. Para ele, a questão da naturalidade na fonologia se restringe à definição do domínio específico da linguagem, após a descrição de suas intersecções com outros domínios¹(130) (ilustração 1).



Ao apresentar a linguagem no sentido alargado (círculo pontilhado), ANDERSON discute a existência do espaço central ("??") do diagrama. Segundo o autor, para os adeptos de que a fonologia deve ser natural, nada permanece nesse espaço; já para os lingüistas que, a exemplo de Noam CHOMSKY, consideram a linguagem como uma capacidade exclusivamente humana, há algumas componentes dessa capacidade que são específicas da linguagem em si, e que, portanto, não podem ser necessariamente estudadas ou explicadas diretamente como casos especiais de outros sistemas.¹(130)

Com relação ao caráter das representações, ao conteúdo das regras e à natureza da relação entre representações fonéticas e fonológicas, ANDERSON acredita que (...) existem aspectos da estrutura dos sons da linguagem que não podem ser explicados simplesmente por modelos dos usos sociais aos quais os homens aplicam os órgãos da respiração, mastigação, deglutição e formação geral de conceitos.⁴(133)

Ao contrário da Fonologia Gerativa Standard, que não distinguia entre fonologia e morfologia na estrutura da gramática, a Fonologia Gerativa Natural de VENNEMANN e HOOPER resgata a morfologia como detentora de um status próprio, o qual independe da fonologia. Assim, embora HOOPER trabalhe apenas com uma fonologia natural, a nítida distinção que faz entre regras F e regras MF permite-lhe sugerir que se elabore uma teoria acerca da morfologia natural, ou seja, uma teoria que explique a natureza das regras MF, as quais não entram no escopo de seu princípio de naturalidade fonológica (ou de motivação fonética), fazendo parte deste apenas as regras F.

DRESSLER, ao elaborar seu projeto de morfologia natural, parece aceitar a sugestão de HOOPER, incorporando, inclusive, sua noção de motivação semântica (Hipótese de Transparência Semântica) através do Princípio de Transparência Morfosintática.* A diferença entre a proposta de motivação semântica de HOOPER e a de DRESSLER é que, enquanto na Fonologia Gerativa Natural a Hipótese de Transparência Semântica constituía o fundamento da proposta de naturalidade; no modelo de DRESSLER, a escala de Transparência Morfosintática representa apenas um dos parâmetros de naturalidade.

*Esse princípio será apresentado no capítulo II.

Além disso, DRESSLER defende que a naturalidade não é privilégio das regras F (para STAMPE, processos), mas que há também uma naturalidade das regras MF (para STAMPE, regras). Essa naturalidade morfológica é fundamentada na noção de diagramaticidade de PEIRCE, adotada também por JAKOBSON.

Em seu projeto maior de uma morfonologia natural, DRESSLER pressupõe uma fonologia e uma morfologia naturais, cuja intersecção caracteriza o domínio da morfonologia. Assim, além da proposta de morfologia natural que elabora com base em HOOPER e JAKOBSON (SAUSSURE - PEIRCE), DRESSLER considera o modelo de Fonologia Natural de STAMPE o mais adequado para seu plano geral, pois esse modelo recupera uma visão naturalista/funcionalista da linguagem através da idéia das duas funções básicas - facilidade de articulação e de percepção - a que os processos fonológicos servem.

Além disso, apesar da crítica de ANDERSON ao apelo que as fonologias naturais fazem a fatores extralingüísticos, DRESSLER considera indispensável o estabelecimento de uma metateoria como a semiótica, para sua teoria da naturalidade morfológica. Tanto a questão da metateoria, quanto outras questões referentes à estrutura de sua proposta serão apresentadas no capítulo II.

3 FUNCIONALISMO E NATURALIDADE

Visto como um movimento particular dentro do estruturalismo, o funcionalismo se caracteriza pela crença de que as funções exercidas pelas línguas nas sociedades em que atuam determinam sua estrutura fonológica, gramatical e semântica. Seus representantes mais conhecidos são os membros da Escola de Praga, tais como os lingüistas russos Roman JAKOBSON e Nicolay TRUBETZKOY. A este último se deve o conceito de traços distintivos, que foi posteriormente modificado por JAKOBSON e, por fim, incorporado à Teoria Gerativa por CHOMSKY e HALLE.²⁴(207)

Segundo os funcionalistas, a função **distintiva** dos traços fonéticos é apenas uma das funções lingüisticamente relevantes. As funções **demarcadora** e **expressiva** também são enfatizadas. A primeira, exercida, por exemplo, pelos traços supra-segmentais, reforça a coesão fonológica das formas e ajuda na sua identificação enquanto unidades marcadoras de fronteiras. A segunda indica os sentimentos ou a atitude do falante.²⁴(208)

Numa perspectiva funcional da sentença, a estrutura dos enunciados é determinada pelo uso que lhes é dado e pelo contexto comunicativo em que ocorrem. Exemplificando, (1) Hoje de manhã ele levantou tarde. (2) Ele levantou tarde hoje de manhã.²⁴(209)

Nessa perspectiva, em (1) e (2) a estrutura sintática distinta é determinada pela situação de comunicação em que são pronunciadas e, particularmente, pelo que já é aceito (ou dado) como informação de fundo, e pelo que é apresentado, diante de tal pressuposto, como novo para o ouvinte e, portanto, genuinamente informativo.⁸⁴(210)

Enfatizando a multifuncionalidade da linguagem e a importância das suas funções expressiva, social e conotativa, em contraste com, ou além de, sua função descritiva,⁸⁴(209) o funcionalismo se opõe ao gerativismo, enquanto escola mentalista, aproximando-se da sociolinguística.

Simultânea à oposição, sistematicidade e neutralização, princípios que fundamentam o estruturalismo analítico, a funcionalidade é assim analisada por Eugenio COSERIU: Uma unidade 'material' qualquer existe como unidade funcional numa língua - quer dizer, como fato de *langue* e não apenas (...) de *parole* (...) - se na mesma língua lhe corresponde também uma unidade de significado, e vice-versa.⁹(60)

Para COSERIU, esse princípio é fundamentado no postulado da solidariedade entre os dois planos da linguagem: o da expressão (do significante, ou plano material da linguagem), e o do conteúdo (do significado, ou plano puramente mental da linguagem). Como exemplo, cita o caso do artigo masculino do italiano, que é representado por *l'* (*l'amico*), *il* (*il libro*) e *lo* (*lo studente*), constituindo apenas uma variação não-funcional — um morfema com três alomorfes. Outra consideração ilustrativa é que enquanto em italiano *sto, stavo scrivendo* (o ato de escrever) indica uma ação não-interrompida ou também uma ação duradoura interrompida de vez em quando; em espanhol e em português, há uma distinção funcional entre a ação considerada entre dois

pontos, através da perífrase com "estar" (considerando-se a ação verbal em seu ato de desenvolvimento entre dois pontos) - estoy escribiendo/estou escrevendo, estava escribiendo/estava escrevendo - e a ação duradoura interrompida, através da perífrase com "andar" - anduve escribiendo/andei escrevendo. Portanto, a diferença de conteúdo em italiano é não-funcional e em português e espanhol, funcional.º(60)

Com relação às diferentes acepções de uma mesma forma, COSERIU adverte para a necessidade de se admitir que essas acepções possíveis pertencem a uma única zona de significado, já que o princípio da funcionalidade implica o corolário do significado unitário. Além disso, para que haja diferença funcional de significado é preciso haver também diferença de expressão.º(60)

O corolário metodológico do princípio da funcionalidade, segundo COSERIU, é a comutação:

Dada a solidariedade entre plano de expressão e plano de conteúdo da língua, o método que se aplica para identificar as unidades é o de substituir uma parte da expressão para observar se (...) acontece uma mudança também no conteúdo e (...) o de substituir uma parte do conteúdo para observar se (...) se modifica também o plano de expressão. Se também no outro plano acontece uma mudança, isto significa que (...) se passou a uma outra unidade, ou seja, que a diferença introduzida é "traço distintivo" na língua considerada. Se (...) no outro plano não acontece nada, isto é sinal de que a mudança no primeiro não é funcional, ou seja, que ficamos dentro da mesma unidade da língua.º(66)

A análise da citação acima permite traçar uma correspondência entre a noção de solidariedade entre os planos da língua e a diagramaticidade postulada por JAKOBSON, pois ambas as noções defendem uma relação "natural", embora indireta, en-

tre as partes do signo lingüístico, seja ele a palavra ou a sentença.

Exemplificando: "Todos os machados têm forma de cunha". Um funcionalista diria que isso se deve à função do machado: como a função é "cortar lenha", a forma adequada é a forma de cunha. Assim, é a função que determina a forma. Um não-funcionalista, por outro lado, diria que para executar o serviço de cortar lenha, os objetos mais adequados são os que têm forma de cunha, assim é a forma que vai determinar a função. A mesma forma (cunha) serve também a outras funções, como, por exemplo, a de segurar a porta para que o vento não a feche.

Colocando-se a questão nesses termos, o pressuposto de STAMPE (visto no item 2) de que a linguagem é um reflexo natural das necessidades, capacidades e universo de seus utentes, mais do que simplesmente uma instituição convencional,⁴⁸ (28) parece aproximar-se mais da posição funcionalista do que da posição naturalista na acepção de Crátilo.

DRESSLER, que na definição de seu modelo de morfonologia natural pressupõe uma fonologia natural nos moldes do modelo STAMPE (com os mesmos pressupostos quanto à naturalidade), propõe-se também funcionalista:

If language serves communication and cognition, and if this is regarded as an essential property of language that a linguist must take into consideration, then this approach leads inexorably to functionalist positions (...) and possibly to the inclusion of semiotic considerations.⁴⁹ (262)

⁴⁸Exemplo dado pelo Prof. José Borges Neto em uma discussão sobre o assunto.

Para DRESSLER, além das funções a que servem as línguas, há também uma série de fatores extralingüísticos que concorrem para a restrição e a definição de suas formas. Nesse sentido, o autor argumenta

However, even if this is granted, 'form follows function, but not very far', as Zwicky & Zwicky (1980:83f) have put it nicely, because 'the shape of a language cannot be predicted in full or in detail from the functions the language is called upon to serve'. But, in addition to functions, physiological, psychological, and social factors (....) directly or indirectly constrain the variability of linguistic form.¹⁵ (262)

Na proposta de DRESSLER, o "funcional" precede o "natural", pois seu conceito de naturalidade é baseado em princípios semióticos (como o da diagramaticidade e o da biunivocidade)¹⁶, que, por sua vez, têm correspondência no funcionalismo.

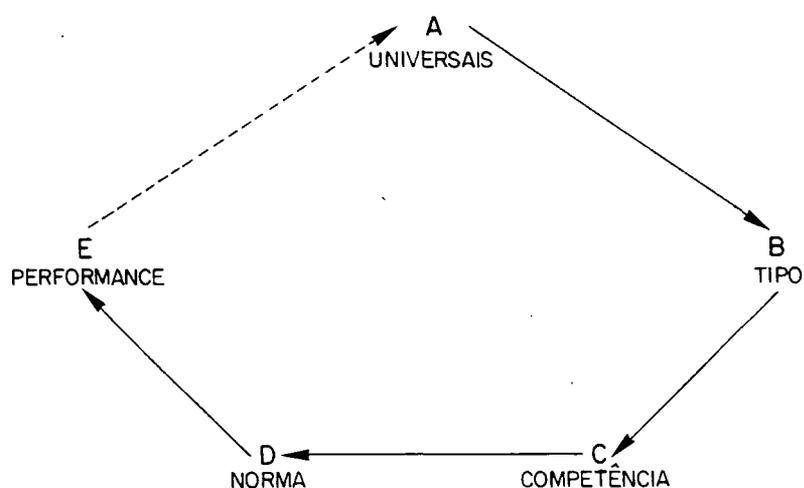
Para finalizar essas considerações sobre o funcionalismo, não se pode deixar de apresentar os questionamentos feitos a respeito da procedência das afirmações funcionalistas. Uma dessas críticas, suscitada por John LYONS, é a de que se a estrutura das línguas naturais fosse realmente determinada pelas várias funções semióticas interdependentes - expressiva, social e descritiva - exercidas por elas, a estrutura das línguas seria não-arbitrária sob esse aspecto e, à medida que os diferentes sistemas lingüísticos preenchessem as mesmas funções semióticas, esperar-se-ia que suas estruturas fossem semelhantes, senão idênticas.¹⁷ (210)

¹⁶Esses princípios serão explicitados no capítulo II.

CAPÍTULO II

ASPECTOS ESTRUTURAIS DO MODELO DRESSLER

Em seu livro *Morphonology: the dynamics of derivation*, o austríaco Wolfgang U. DRESSLER expõe a estrutura de seu modelo de Morfonologia, utilizando para isso o quintuplo (a, b, c, d, e) de HJELMSLEV e COSERIU, em substituição ao trio (a, c, e) chomskyano e ao quádruplo (a, c, d, e) saussuriano (ilustração 2).¹⁵(292)



- a) **universais**: o nível dos universais compreende funções, operações e princípios que podem ser atribuídos a parâmetros de naturalidade, que tomam a forma de escalas implicacionais do mais natural ao menos natural;
- b) **tipo**: as propriedades universais, que são filtradas ou restringidas pelo sistema de escolha de um tipo lingüístico, no sentido de um construto ideal, constituem a base das propriedades tipológicas. As lín-

guas individuais usam mais ou menos operações naturais em cada parâmetro de naturalidade, no sentido das escolhas paramétricas implicacionais. Exemplificando: se uma língua usa uma operação de modificação* tal como ablaut (sing -> sang/song) ou umlaut (foot -> feet), então ela também usa a operação mais natural, a afixação** (work-ed, foot-s);

- c) **competência:** trata-se de mais um filtro executado pelo sistema da linguagem individual. As propriedades universais e tipológicas são restringidas/filtradas e mais especificadas pelo sistema de uma língua individual (la langue). Uma regra morfológica ou fonológica pode ser, simultaneamente, bastante não-natural em relação à teoria Universal e normal dentro da gramática específica da língua em termos de adequação ao sistema;
- d) **norma:** a língua como instituição social pauta-se por normas que filtram as opções permitidas pelo sistema. Nesse ponto, DRESSLER remete o leitor a uma teoria-ponte entre a sociolinguística e a fonologia natural em DRESSLER & WODAK (1982);
- e) **performance:** as normas de uma língua são realizadas através do desempenho individual (la parole), este baseado em normas que, por sua vez, fundamentam-se na competência das línguas específicas que, por seu turno, é baseada nos tipos, estes assentados nos

*Técnica III na escala de diagramaticidade ou de iconicidade construcional.

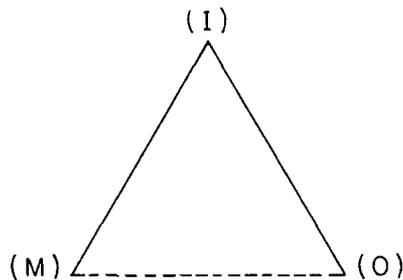
**Técnica I na escala de diagramaticidade ou de iconicidade construcional.

universais que, por fim, se fundamentam nas propriedades gerais da performance.

Para DRESSLER, esses níveis estão ligados por relação de interdependência, sendo cada um determinado por aquele que o precede no quántuplo de COSERIU.

Com essa perspectiva de gramática e pressupondo uma fonologia natural nos moldes do modelo STAMPE, DRESSLER propõe uma morfologia também natural. Para tanto, o autor enquadra a linguagem no conjunto da semiótica de PEIRCE, tomando esta como metateoria para sua teoria da naturalidade morfológica. Ao justificar essa escolha, o autor afirma que, sendo a linguagem um sistema de signos e a semiótica a ciência que trata do signo em geral, enfocando essencialmente a questão da polaridade natural/convencional, parece-lhe razoável tomá-la como definidora do termo natural.¹⁷⁽²⁾

Charles Sanders PEIRCE, considerado o pai da semiótica, doutrina da natureza essencial e das variedades fundamentais da "semiosis" possível,²¹ (99) classifica os signos de acordo com o tipo de relação que estabelecem com os elementos constituintes da função signica, elementos esses denominados Meio (ou fundamento), Objeto e Interpretante. Assim, as relações possíveis são as seguintes: signo/Meio, signo/Objeto e signo/Interpretante (ilustração 3).



Ao definir os elementos constitutivos do triângulo semiótico, DRESSLER afirma que o meio é a idéia que se tem diante do representamen,* o objeto, aquilo que é representado e o interpretante, o signo criado na mente da pessoa a quem o primeiro signo (representamen) se dirige.³⁰(93-95)

A segunda classificação (signo/objeto) é aquela na qual DRESSLER fundamenta sua proposta de morfologia natural, sendo, portanto, a classificação relevante para o momento. Desse ponto de vista, PEIRCE classifica os signos em ícones, índices (ou indicadores) e símbolos.

Sobre o ícone, o autor afirma que:

(....) um signo pode ser icônico, ou seja, pode representar seu objeto principalmente por similaridade, independentemente do seu modo de ser. (....) Qualquer imagem material, como uma pintura, por exemplo, é amplamente convencional em seu modo de representação; contudo, em si mesma, sem legenda ou rótulo, pode ser denominada um hipo-ícone.³⁰(116)

Os ícones se subdividem em imagens, diagramas e metáforas. Assim, as imagens, os ícones mais naturais, são aqueles que participam de simples qualidades ou Primeiras Primariedades, os diagramas representam as relações - principalmente (....) diádicas (....) - das partes e de uma coisa, utilizando-se de relações análogas em suas próprias partes e as metáforas, por sua vez, apreendem o caráter representativo de um Representamen, traçando-lhe um paralelismo com algo diverso.³⁰(117) Quanto aos índices, esses são os signos que focalizam a atenção do intérprete sobre o objeto desejado, sem descrevê-lo, enquanto o símbolo é um representamen cujo caráter representativo consiste precisamente em ele ser uma regra que determinará seu Interpretante.³⁰(120)

*Um signo, ou representamen, é algo que, sob certo aspecto ou de algum modo, representa alguma coisa para alguém. (PEIRCE, Semiótica e Filosofia, p.94).

Retomando DRESSLER, faz-se necessário esclarecer que o fato de escolher como base metateórica de seu modelo a classificação peirceana do signo que tem como parâmetro a relação signo/objeto não significa que as implicações que traça sejam entre a linguagem e o mundo, pois, ao fazer a passagem da metateoria para a linguagem, DRESSLER se utiliza da ponte da relação proporcional ou diagramática, o que lhe permite, a exemplo de JAKOBSON,¹³ atribuir à linguagem uma naturalidade gradual, sem ter de recorrer ao mundo (objeto). Nesse sentido, o comentário de DRACHMANN a respeito de sua proposta é bastante relevante: Thus the major Peircean trichotomy chosen, is that into icon, index and symbol, already faced such serious demarcation problems (cf. Lyons, 1977) that its application to phonology constitute more a metaphorical than a substantive analog.¹³(104)

Assim, ao discutir a questão do grau de naturalidade lingüística do ponto de vista da naturalidade e efetividade semióticas, DRESSLER considera todas as línguas simbólicas e os morfemas gramaticais exemplos de índices. Aos ícones, por serem os signos mais naturais, dedica especial atenção. As palavras onomatopaicas são exemplos de imagens e os ícones mais importantes para a morfologia natural são os diagramas, pois seu grau de iconicidade está entre o das imagens e o das metáforas. Nesse contexto, as palavras são signos primários, os morfemas e as regras morfológicas, signos secundários, e os fonemas e as regras fonológicas, terciários. Portanto, para ele, o léxico (ou a sintaxe) tem uma prioridade semiótica e epistemológica geral sobre a morfologia, e esta sobre a fonologia.¹⁵(283)

¹³Sua proposta de naturalidade é apresentada no item i do capítulo I.

Para DRESSLER, no signo lingüístico, como ocorre com os ícones, não existe uma naturalidade pura, mas sim gradual, pressuposto que lhe permite construir uma teoria de naturalidade morfológica universal com vários parâmetros de naturalidade, dos quais o primeiro é o grau de iconicidade dos processos. Para as regras de formação de palavras, elabora então uma escala de naturalidade de **Iconicidade Construcional** ou **diagramaticidade**,¹⁷ de cinco cifras: I. afixação; II. afixação + modificação; III. modificação; IV. conversão; V. subtração.¹⁷(5) Como o próprio nome sugere, a escala de Iconicidade Construcional considera o grau de naturalidade dos processos de construção do signo.

Uma tentativa de aplicação dessa escala à formação de substantivos do português seria a seguinte:¹⁸

- a) **afixação** - com o sufixo -ção: elitização, ambientação, esquerdização; com o sufixo -mento: agenciamento, enraizamento, desfavelamento;
- b) **afixação + modificação** - com o sufixo -idade: inegociabilidade, perdurabilidade;
- c) **modificação** - ?
- d) **conversão** - adjetivo visual, substantivo (o) visual; advérbio amanhã, substantivo (o) amanhã, poder, (o) poder;
- e) **subtração** - despistar -> despiste, engordar -> engorda.

No caso da formação de palavras do alemão e do inglês, tem-se, respectivamente:

¹⁷"Una relación diagramática es una relación analógica en los niveles del significado y del significante". (DRESSLER, 1985, p.3).

¹⁸Exemplos obtidos de SANDMANN, 1988.

Alemão

- a) **afixação** - Amerika -> Amerikaner -> amerikanisieren -> Amerikanisierung, mensch -> Übermensch;
- b) **afixação + modificação** - stadt -> städter; Haus -> Häusche, Rom -> (der) Römer;
- c) **modificação** - fallen -> fällen
trinken -> tranken;
- d) **conversão** - leben -> (das) Leben; essen -> (das) Essen;
- e) **subtração** - schauen - (die) Schau; kaufen (der) Kauf.

Inglês

- a) **afixação** - sing -> singer, lovely -> loveliness;
- b) **afixação + modificação** - (to) advertise /taiz/, advertisement /tis/;
- c) **modificação** - foot -> feet, sing -> song;
- d) **conversão** - (to) cut -> (a) cut;
- e) **subtração** - (television -> televise).

Adotando a noção de diagramaticidade, DRESSLER estabelece uma relação de reciprocidade entre base e derivado no processo de derivação. Tal relação ao nível do significado é refletida analogicamente (diagramaticamente) ao nível do significante, do que resulta que a técnica de afixação aglutinante, na formação de palavras, é diagramática e, conseqüentemente, possui um alto grau de iconicidade. Já a subtração é a técnica "verdadeiramente antidiagramática", reproduzindo as palavras de DRESSLER.

As vantagens dessa escala de naturalidade são as seguintes:

Primero, un prognóstico de la distribución interlingual e intralingual de estas cinco técnicas: mientras más diagramática es una técnica, más común es en una lengua y con mayor frecuencia se presenta en las lenguas del mundo(...) segundo, podemos pronosticar que técnicas muy diagramáticas son diacrónicamente más estables que técnicas menos diagramáticas. Tercero, lo mismo vale para perturbaciones afásicas. Cuarto, que técnicas más diagramáticas son aprendidas antes en la adquisición del lenguaje en niños, que técnicas menos diagramáticas. Quinto, que se desarrollan antes en el ciclo vital de lenguas pidgin. Sexto, también la productividad intralingual de reglas de formación de palabra se rige según esta escala.¹⁷ (5)

Outro parâmetro de naturalidade proposto por DRESSLER é o da **Transparência Morfosintática**, para o qual foi estabelecida a seguinte escala:

- I. **Transparencia total**, es decir, pura aglutinación. Por ejemplo nada(r) -> nadador...
- II. **Transparencia aún más reducida** por la acción de reglas morfológicas que, sin embargo, no fusionan el sonido final del primer morfema con el sonido inicial del segundo morfema. Por ejemplo alemán "fabrik" vs. "fabrizieren"(...)
- III. **Transparencia aún más reducida** por la fusión de morfemas regida por reglas. Por ejemplo, griego clásico "phúlak-s" vs. /phulák + jo/ -> phuláso(...)
- IV. **Peor aún es la suplección débil**. Por ejemplo, español "Galicia -> gallego"(...)
- V. **Suplección fuerte** como en soy, eres, fui.¹⁷ (12)

Esse parâmetro está ligado ao pressuposto stampeano das duas forças antagônicas que interagem na distinção dos processos: a facilidade de percepção (processos de dissimilação ou foregrounding processes na terminologia de DRESSLER) e a facilidade de articulação (processos de assimilação ou backgrounding processes na terminologia de DRESSLER). Esse pressuposto, por sua vez, serve ao princípio do **tamanho optimal do significante**."

¹⁷Esse princípio semiótico se refere ao tamanho eficiente de um "signans" (significante), o qual não deve ser nem muito grande nem muito pequeno, a fim de facilitar a produção e a percepção do mesmo (DRESSLER, 1985, p.301).

Ao desenvolver esse critério semiótico de naturalidade morfológica - primeira parte de seu projeto de morfologia natural -, DRESSLER reconhece a necessidade de uma teoria tipológica que explique por que línguas de um certo tipo muitas vezes preferem fenômenos relativamente não-naturais em determinados parâmetros.¹⁷(2) Portanto, essa teoria tem como objetivo especificar quais as soluções possíveis para os conflitos internos de naturalidade. O tipo lingüístico é constituído mediante as escolhas feitas pelas línguas particulares com relação aos parâmetros de naturalidade, ou seja, através da combinação de escores muito naturais em alguns parâmetros com escores não-naturais ou menos naturais em outros.

O autor classifica as diversas línguas existentes em cinco tipos ideais: isolantes, aglutinantes, flexionais, introflexivas e incorporantes. Exemplificando, DRESSLER expõe sua constatação de que o tipo aglutinante maximiza a transparência morfossintática, sacrificando a indexicalidade semiótica e o tamanho optimal das word-forms,¹⁸ pois permite que estas sejam muito longas, apresentando grandes distâncias entre a raiz e o sufixo.¹⁶(325)

A terceira parte de seu projeto de morfologia natural é uma teoria de adequação ao sistema específico de cada língua, para cujo aprofundamento DRESSLER remete a WURZEL (1984), ressaltando a importância da explicação diacrônica para os acidentes históricos. Na morfologia do inglês, por exemplo, não se pode deixar de mencionar dois acidentes históricos: embora

¹⁷Princípio semiótico utilizado por DRESSLER especialmente para a classificação das regras morfológicas, pois, devido ao princípio da precedência semiótica da morfologia sobre a fonologia, a indexicalidade morfológica é mais valorizada do que a fonológica. (DRESSLER, 1985, p.311).

¹⁸Para MATHEWS, o primeiro dos três sentidos de palavra (word-form, lexeme e word), considerado como a palavra em suas unidades fonológicas. (MATHEWS, op. cit., p.20).

possuísse uma fonologia flexional, o inglês medieval sofreu drástica mudança fonológica e esteve sujeito à influência latina massiva no léxico e na morfologia.¹⁴(325)

Em suma, DRESSLER afirma que a morfologia flexional de uma língua pode ser caracterizada por um conjunto de propriedades estruturais definidoras do sistema, algumas das quais são claramente de natureza tipológica e outras que definem a seleção e especificação de categorias morfológicas universais da língua. DRESSLER deixa transparecer, ainda, a visão de um léxico extratificado, admitindo a existência de um extrato dos nomes e outro das palavras onomatopaicas. Porém, o autor não desenvolve a questão.¹⁵(82)

Quanto ao armazenamento no cérebro, o autor considera que, para os casos de supleção, esse é apenas lexical, ou seja, apenas os itens lexicais são estocados, sem as regras; para os casos de formas pouco ou nunca pronunciadas, derivadas por regras completamente produtivas, admite a estocagem tanto dos inputs quanto das regras e, para os demais casos, assume tanto a estocagem lexical dos alternantes quanto sua relação por regras.¹⁵(17)

Recorrendo ao princípio semiótico do tamanho optimal do signo, DRESSLER enfatiza a supremacia semiótica das palavras sobre os morfemas, os quais são usados como base somente em linguagem técnica. No parágrafo 4.5 de seu artigo "On Word Formation in Natural Morphology", o autor afirma que words are primary signs, morphemes only secondary signs, i.e. signs on signs (words); therefore words are better perceivable than morphemes for motivating derived words.¹⁴(174) Portanto, DRESSLER assume uma posição word-based para a formação de palavras, isto é,

para ele, as palavras novas são formadas a partir de palavras já existentes.

Intimamente ligada à concepção de léxico, está a questão semântica, definida por DRESSLER com base no princípio semiótico da biunivocidade,* que, por sua vez, tem correspondência no princípio da composicionalidade de Gottlob FREGE.** Assim sendo, DRESSLER assume uma visão composicional do significado, o que lhe permite construir a escala de diagramaticidade ou iconicidade construcional, a fim de avaliar o grau de naturalidade dos processos de formação de palavras nesse parâmetro. Para o autor, a relação base/derivado é tal que (...) al significado intencional*** [sic] de la base se agrega otro significado (...). Esta relación a nivel de significado es reflejada diagramáticamente (es decir analógicamente) a nivel del significante.¹⁷ (4)

Para DRESSLER, a naturalidade dos processos também está ligada à questão da sua produtividade, ou seja, os fenômenos mais naturais (fonológica e morfológicamente) são esperados como sendo mais freqüentes, já que esses contêm as operações mais eficientes, no respectivo parâmetro, e a eficiência deve ser preferida à ineficiência. Os fenômenos menos naturais, por sua vez, devem ser extremamente raros ou nunca ocorrerem nas línguas do mundo. Em seu artigo *Introducción a la Morfología Natural*, DRESSLER apresenta uma estatística da produtividade das regras de formação de palavras, segundo a escala de iconi-

*Biunivocidade significa a invariância relacional entre signatum e signans (DRESSLER, *Morphology*, p.319).

**Esse princípio diz que "o significado de uma expressão complexa é uma função dos significados de suas partes constitutivas". (DRESSLER, *Morphology*, p.332).

***O termo empregado por FREGE é intensão, portanto, a expressão correta aqui seria intensional.

cidade construcional (quadro 1). Nas línguas pesquisadas por DRESSLER, as técnicas tidas como mais icônicas ou mais naturais se confirmam como mais produtivas. Nesse mesmo contexto, a técnica "antinatural" da subtração se apresenta produtiva apenas no russo.¹⁷(7)

QUADRO 1 - ESTATÍSTICA DA PRODUTIVIDADE DAS REGRAS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS, SEGUNDO TÉCNICAS UTILIZADAS

		AFIXAÇÃO	AFIXAÇÃO + MODIFICAÇÃO	MODIFICAÇÃO	CONVERSÃO	SUBTRAÇÃO
	P*	22	16	1	2	-
Alemão	S	57	8	-	-	-
	I	2	3	3	1	-
	P	59	18	-	1	1
Russo	S	37	11	-	-	-
	I	32	7	várias	-	-
	P	27	6	-	-	-
Húngaro	S	19	3	-	-	-
	I	20	2	-	-	-
	P	12	7	-	-	-
Georgino	S	3	2	-	-	-
	I	-	1	-	-	-
	P	13	7	-	-	-
Tzotzil	S	2	-	-	-	-
	I	11	4	-	-	-
	P	12	-	-	-	-
Dieguenho	S	5	-	-	1	-
	I	30	-	2	-	-
	P	12	8	1	-	-
Kalispel (P)		8	2	-	-	-
Pengo (P)		8	5	-	-	-
Yidim (P)		9	2	-	1	-

*P = produtivo

S = semiprodutivo

I = improdutivo

Números arábicos = números de regras de formação de palavras

No parágrafo sete (§ 7) de seu artigo *On Word Formation in Natural Morphology*, DRESSLER fala também sobre a produtividade das regras de formação de palavras, relacionando-a à tipologia de línguas: Elsewhere (...) I have shown 1) that productive WFRS* cannot exist in languages which lack the function of lexical enrichment (e.g. jargon states of pidgins (...) and decaying/dying languages), 2) that productivity of WFRs is a consequence of the semiotic principle of biuniqueness (one-meaning-one-form, but not in introflective languages (...)).⁴⁴(179) Simultaneamente, essa tipologia de línguas determina e é determinada pela produtividade.

Os casos dos nomes hipocorísticos como Liz, Mike e Bob, correspondentes a Elizabeth, Michael e Robert, respectivamente, são analógicos, pois não são derivados por uma regra de formação de palavras produtiva e completamente previsível.⁴⁴(179) Traçando um paralelo entre o paradigma flexional e o derivacional, o autor pondera que, em geral, o flexional possui formas muito mais sujeitas ao nivelamento analógico do que o derivacional. Em seguida, afirma que as formas frequentes são mais resistentes ao nivelamento analógico do que as infrequentes, pois aquelas são melhor armazenadas na memória.⁴⁴(179)

Para se visualizar o entrosamento das escalas de naturalidade e comprovar se a combinação dos melhores fatores (afixação totalmente transparente, word-based -> sing-er) é mais frequente nas línguas do mundo, e se, por outro lado, a combinação das piores variáveis (regras de formação de palavras subtrativas, baseadas em sentenças ou morfemas, é infrequente nas línguas do mundo, DRESSLER sugere que se cons-

*WFRs: Word Formation Rules - Regras de Formação de Palavras.

trua com as três escalas propostas um holograma tridimensional em que cada dimensão representa uma escala.⁴⁴(177)

Referindo-se à questão da direcionalidade das regras, o autor afirma que há um desenvolvimento unidirecional de regras fonológicas para morfológicas e destas para regras alomórficas, critica a bidirecionalidade das viarules* da Fonologia Gerativa Natural de HOOPER e assegura que, mesmo no caso da derivação zero ou conversão, há uma direcionalidade. Nesse ponto, DRESSLER remete o leitor a MARCHAND, ARONOFF e PENNANEN.⁴⁴(173) Relaciona, ainda, a direcionalidade no significado com a direcionalidade na forma.

Assim, a partir da direcionalidade no significado, o falante assume uma relação diagramática, ao esperar que uma forma que é semanticamente/funcionalmente derivada também o seja formalmente. Segundo o autor, tal fato se confirma, pois as formas derivadas geralmente são maiores do que as não-derivadas e contêm afixação, enquanto as não-derivadas não apresentam esse processo.

A direcionalidade se reflete também nas línguas cujas regras de formação de palavras possuem a função de motivação de palavras complexas,** nas quais se faz necessária a identificação da base, ou seja, quanto melhor percebida a base, melhor a função da motivação é servida.⁴⁴(174)

*"Viarules, (que) não alternam uma forma noutra, mas estabelecem meramente a relação semântica e fonológica existente entre as formas, por exemplo: a alteração de vogais do inglês e as regras de abrandamento" (HOOPER, 1979 c, In: MATEUS e VILLALVA, p.235). Em português, tem-se como exemplo a alternância ei (→) ac de leite/lacteo.

**Segundo DRESSLER, esta é uma das principais funções, universalmente aceitas, das regras de formação de palavras.

Aparentemente, DRESSLER não faz distinção entre sincronia e diacronia. Em seu artigo sobre formação de palavras, classifica a regra subtrativa do russo (logika -> logik, fizika -> fizik) como um acidente histórico, que pode ser explicado diacrônica e sincronicamente, bem como do ponto de vista tipológico. Nesse caso, portanto, ele parece privilegiar a análise diacrônica, traçando a gênese histórica da derivação. Para tanto, parte da terminação latina -ic-us, que é emprestada pelo russo como o sufixo -ik, já que a terminação -us (sufixo nominativo flexional) do latim corresponde, em russo e em polonês, a zero. Disso, resultou a desajeitada (awkward) derivação sincrônica de fizik a partir de fizika, que se mostra como uma regra produtiva de formação de palavras, inclusive em casos em que não há interferência de nenhum modelo lexical estrangeiro.¹⁴ (178)

A análise da proposta de DRESSLER permite afirmar que o ponto central de seu modelo de morfologia natural é o estabelecimento das escalas de naturalidade, pois é através dessas que se chega ao grau de naturalidade das regras de formação de palavras e, a partir do confronto entre escalas distintas, aos tipos lingüísticos.

Essas escalas têm uma série de vantagens¹⁵ com relação à análise das técnicas de formação de palavras, uma das quais é a identificação da produtividade inter e intralingual. Assim, como já foi visto, a técnica mais natural se revela a mais produtiva. Exemplificando, tome-se a escala de iconicidade construcional, na qual a técnica de afixação é muito produtiva e a subtração, improdutiva. Da mesma forma, na escala de

¹⁴Ver citação da página 34.

transparência morfossintática, a transparência total (pura aglutinação) é mais produtiva do que a opacidade (supleção forte).

A tentativa de aplicação desses pressupostos aos dados da formação de palavras no português** resultou na confirmação de que, na escala de iconicidade construcional, os dois primeiros itens (afixação e afixação + modificação) são muito produtivos; o terceiro (modificação) é improdutivo e os dois últimos itens (conversão e subtração) revelam uma boa produtividade. Portanto, parece que, no português, essa escala (esse parâmetro) está sendo "sacrificada", talvez em favor de outra. O que chama a atenção, entretanto é que o quinto item - subtração -, considerado por DRESSLER como antidiagramático e portanto, antinatural, revela-se especialmente através da derivação regressiva como um processo muito produtivo de formação de palavras .

A partir dessa constatação, elegeu-se a derivação regressiva como ponto de partida para se comentar o modelo DRESSLER, suscitando a abertura para questionamentos posteriores. Nessa instância, a revisão da literatura sobre derivação regressiva é indispensável para o início da discussão sobre a tipologia da formação de palavras do português.

**Ver escala, página 32.

CAPÍTULO III

REVISÃO DE LITERATURA - DERIVAÇÃO REGRESSIVA

1 CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

No português atual, a formação de palavras por redução ou abreviação é uma tendência constatada nos processos de formação de gírias, tais como "salafrá" (de salafrário), "gasosa" (de gasolina), "delega" (de delegado) "sampa" (de São Paulo), "granfa" (de grã-fino), "vegê" (de restaurante vegetariano), etc., ou nas formações por abreviações de termos específicos de áreas técnicas como "micro" (de microcomputador), "vídeo" (de vídeo-cassete), "análise" (de psicanálise), "eletro" (de eletroencefalograma), "psico" (de psicologia ou psicolinguística), etc.. Nesses casos, o que ocorre é um tipo de variação da mesma palavra, dependendo do estilo (formal, informal) ou de outros fatores como tipos de grupos (sociais, culturais, profissionais, etc.) a que o falante pertence.

Estruturalmente falando, não há, nessas formações, uma maior sistematicidade que possa enquadrá-las juntamente com os processos regulares de formação de palavras, mesmo porque, como atesta BASILIO,* tais formações por abreviação são sinônimos das palavras "derivantes". Contudo, ao se considerar que não existem sinônimos perfeitos, talvez se possa dizer que não se trata exatamente da mesma palavra, já que a própria questão da adequação ao grupo social ou ao estilo é um fator de significação.

*teoria Lexical, BASILIO. p.37.

O caso da formação de nomes hipocorísticos* (Benedito/Dito, Benedito/Benê) é outro tipo de formação por redução (e, às vezes, por reduplicação e redução), que, embora não possa ser considerado uma regra de formação de palavras, se mostra mais sistemático do que as reduções do tipo "salafra" ou "micro".

Dentre os processos de formação de palavras por derivação, a formação de substantivos deverbais por sufixação tem nos sufixos *-ção* e *-mento* seus principais elementos formadores, sufixos esses considerados por SANDMANN³⁴ como os mais produtivos no português atual. Em seu livro sobre formação de palavras, o autor apresenta um corpus coletado a partir de 42 jornais diários brasileiros do ano de 1984, que registra 28 formações novas com o sufixo *-ção* e 26 com *-mento*, enquanto para os outros sufixos formadores de substantivos deverbais *-ada*, *-dura*, *-agem*, *-dor(a)* e *-deira*, aparecem quatro, uma, uma, dezessete e zero formações novas, respectivamente.³⁴

Ao lado da formação de substantivos deverbais por acréscimo dos sufixos *-ção* e *-mento* está a derivação regressiva, que alterna** com esses sufixos na formação de nomes deverbais, apresentando-se como um processo bastante produtivo. No corpus coletado por SANDMANN, encontram-se exemplos de formações regressivas recentes, tais como (o) *afrouxo* (de

*[Do gr. *hypochooristikós* (subentende-se *ónoma*), "nome de carinho".] Vocabulário familiar cariñoso: *Bibi, Didi, Lulu*. (FERREIRA, Aurélio B. de H. Novo Dicionário da Língua Portuguesa. 1986). Assunto discutido no capítulo IV.

**Os critérios para escolha de um ou outro processo não são evidentes, pois considerando-se que os três processos: *-ção*, *-mento* e derivação regressiva, embora exerçam a mesma função lexical (formação de substantivos deverbais) e se alternem na mesma função semântica (na formação de substantivos abstratos), não são mutuamente excludentes, nem mesmo a noção de bloqueio de ARONOFF, (1976) funciona. Por exemplo: a concorrência de formas como "debilitação" e "delibitamento", "desfiguração" e "desfiguramento" e "desarme", etc. (ver corpus SANDMANN, 1988, p.171).

afrouxar), (o) aprovo (de aprovar), (o) **desarme** (de desarmar), (o) aporte (talvez um empréstimo do francês *apport*), (o) **sufoco** (de sufocar), (o) **tateio** (de tatear).

Esse tipo de formação por derivação regressiva (doravante DR) tem sido objeto de estudos tanto por parte de gramáticos tradicionais como Mário BARRETO, quanto de lingüistas como Margarida BASILIO e Lúcia LOBATO. O interesse pela questão deriva da singularidade que a DR apresenta em relação aos demais processos de formação de palavras, isto é, enquanto a maioria das derivações ocorre por afixação, ou seja, por adição de um elemento formador a uma base, a DR trabalha na direção oposta — ao menos aparentemente — subtraindo, ao invés de adicionar elementos.

Devido a essa e a outras peculiaridades, tais como a questão das três opções de vogal temática (-o, -a, ou -e) para as DR deverbais e dos fatores que determinam sua escolha, a DR constitui elemento fundamental para qualquer estudo sobre formação de palavras e, especialmente, para um estudo da produtividade e naturalidade dos processos morfológicos.

Os autores selecionados para esta revisão de literatura sobre a DR foram classificados em dois grupos de acordo com sua concepção de léxico, ou seja, se este é composto de palavras, já existentes na língua ou de radicais. O primeiro grupo subdivide-se em: 2.1 A Visão Tradicional, 2.2 "Backderivation" e 2.3 A Perspectiva Gerativa, enquanto o segundo grupo é formado apenas pela proposta de LOBATO. O item 4 corresponde à posição de DRESSLER.

2 UM LÉXICO COMPOSTO DE PALAVRAS

2.1 A VISÃO TRADICIONAL

É indispensável iniciar esta revisão da literatura sobre a DR situando a posição de Mário BARRETO, o mais antigo dos gramáticos consultados e cuja opinião praticamente representa a posição da gramática tradicional até nossos dias.

A conceituação que BARRETO faz da DR, entendendo-a como (...) a maneira de criar palavras novas pela subtração de uma sílaba final ou inicial. Despoja-se a palavra, tomada sem razão por um derivado (ou um composto), de uma sílaba inicial ou final e forja-se-lhe dest'arte um primitivo que não tem nenhuma razão de ser etimológica,³(51) refere-se às DR denominais, exemplificadas pelo autor com a palavra *rosmano*, encontrada num poema de Tomás Ribeiro, e que constitui um falso primitivo de *rosmaninho*, devido à interpretação errônea do *-inho* como sufixo diminutivo, pois, na verdade, os primitivos são as palavras latinas *ros maninus*.³(51)

Outro exemplo similar é o da palavra *sarampo*, tomada como primitivo de *sarapão*, por uma falsa interpretação do *-ão* como sufixo aumentativo. Para BARRETO, os verbos *legislar* e *colar* (grau), deduzidos de *legislator* e *collatio*, respectivamente, são também explicados por DR, como também o verbo *prostrar* procedente de *prostratus* participio passado de *prosternare*, e o adjetivo *manso*, do latim *mansuetus*, participio passado de *mansuesco* (de *manus*, mão, e *suesco*, acostumar).³(52)

Na seqüência de suas exemplificações, o autor apresenta o caso dos substantivos postverbais definidos como Os substantivos verbais formados do tema verbal alongado com as terminações a, o, ou e: apanhar - apanha; mudar - muda; queimar - queima; buscar - busca; visitar - visita; vender - venda; castigar - castigo; rogar - rôgo; começar - começo; chorar - choro.³(53)

BARRETO enfatiza ainda que, embora esse grupo especial de derivados retrógrados seja mui-restrito em latim, desenvolveu-se nas línguas românticas e é muito produtivo em português.³(54) Para ele, o que ocorre de interessante em tal formação é que, em casos como folga - folgar e esforço - esforçar, o processo de formação é distinto daquele que atua em batalha - batalhar e ultraje - ultrajar, pois, no primeiro caso, tem-se o verbo dando origem ao substantivo, enquanto no segundo, o processo é em sentido contrário, ou seja, segue o padrão normal de formação de verbos a partir de substantivos.

Os aspectos relevantes para o estudo da DR são a direcionalidade da formação, o fator analogia e a produtividade. O primeiro é tão fundamental que suscitou o estabelecimento de um critério para a determinação da direcionalidade do processo, critério esse adotado posteriormente por vários autores. Trata-se do seguinte: O substantivo é o ponto de partida, e não o verbo, quando aquele designa um objeto: âncora - ancorar, azeite - azeitar. Porém, quando o substantivo indica uma ação, o verbo é considerado ponto de partida: esfregar - esfrega, atrasar - atraso.³(54)

Quanto à analogia, BARRETO afirma:

Qual a origem desta espécie anormal de derivação chamada "derivação em sentido inverso", "derivação regressiva" ou "derivação retrógrada", e da qual constituem uma classe especial os substantivos postverbais? Como pôde a língua dar este passo atrás, desandando, por ex., de "legislador" a "legislar", de "colação" a "colar", de "descansar" a "descanso" (...)?³(55)

A esse questionamento, dá sua resposta: Como, na língua, havia grande número de palavras em "dor" e "ção" que correspondem a infinitivos em "ar" (vindimar, vindimador; povoar, povoador (...)) coroar, coroação (...)). Cumpria que o mesmo acontecesse com "legislação" e "colação" e criaram-se "legislador" e "colar".³(52) Assim, BARRETO aponta a "formação proporcional" ou analogia como fator gerador da DR.

Ismael de Lima COUTINHO, por sua vez, afirma: consiste a derivação regressiva na dedução de uma forma primitiva com base numa outra que se julga derivada,⁴(174) classificando as DR em nominais e verbais, aquelas menos frequentes do que estas. As verbais, também chamadas deverbais ou pós-verbais, são formadas pelo tema verbal acrescido de uma das vogais -o, -a ou -e. Quanto à questão da direcionalidade, COUTINHO adota o critério de BARRETO.

Domingos Paschoal CEGALLA entende que a formação de palavras por DR ocorre substituindo-se a terminação de um verbo pelas desinências -a, -o ou -s,⁷(57) observando, ainda, que o processo normal é criar o verbo de um substantivo. Na derivação regressiva (ou retrógrada), a língua procede em sentido inverso: forma o substantivo do verbo.⁷(57)

"Derivação às avessas" é o termo usado por Gladstone Chaves de MELO, ao se referir à DR. Para ele, ao contrário da sufixal, que acrescenta algo à raiz, ela subtrai.²⁰(53) Para exemplificar, MELO cita o caso do verbo "honrar", que, psicologicamente, proviria de "honra", mas, na verdade, historicamente "honrar" preexiste a "honra", que surgiu por sugestão do verbo.²⁰(53) Lembra ainda o caso de verbos que dão origem a um derivado regressivo e um sufixal: "bombardeamento e bombardeio", "reclamação e reclamo", "aparelhamento e aparelho", etc.²⁰(53)

Já Celso CUNHA afirma que, distintamente da formação sufixal em que a palavra derivada amplia a primitiva,¹¹(102) a DR constitui um processo de criação vocabular através da redução da palavra derivante por uma falsa análise da sua estrutura.¹¹(102)

Realça ainda a importância da DR na formação dos substantivos deverbais, exemplificando fartamente. Para finalizar, CUNHA enfatiza a questão da direcionalidade, adotando o critério de BARREIRO e fornece alguns exemplos de formas derivadas, como "dança", "ataque" e "amparo", e de formas primitivas, como "âncora", "azeite" e "escudo".¹⁴(102)

SANDMANN, ao se referir ao tipo de formação de palavras chamadas pós-verbais ou deverbais reconhece a existência de um modelo produtivo regular, em que mediante a omissão do sufixo verbal e acréscimo de uma vogal final é derivado de um verbo um substantivo: despistar -> despiste,³⁴ (81) e casos em que ocorre um modelo irregular, ou seja,

mediante a separação dos mais diversos componentes ou partes de palavras, muitas vezes até por causa de uma análise errônea da estrutura vocabular, como nos (...) exemplos (...): frangão, sarapão e gajão, em que se acreditava que a terminação -ão fosse o sufixo de aumentativo, são derivados (...) substantivos de substantivos.³⁴(81)

Para o autor, a questão da distinção entre sincronia e diacronia é fundamental na abordagem da DR, pois ao menos algumas derivações regressivas do português podem ser vistas como tais do ponto de vista sincrônico. O autor argumenta com séries de palavras com o mesmo radical e cujos verbos têm um prefixo:

A	B	C
FROUXO	AFROUXAR	AFROUXO,

Na seqüência, de A a B se chega mediante derivação parassintética e de B a C, mediante DR. A seqüência A B C e não A C B é justificada com o argumento de que em português não existe um modelo ou regra que gere seqüências A -> C (barco ->

embarque, frouxo -> afrouxo).²⁴(86) Além disso, SANDMANN mostra casos em que verbos são derivados apenas por sufixação:

A B C
TATO TATEAR TATEIO.

Nesse exemplo, há inclusive o acréscimo da semivogal /y/ para, segundo ele, evitar o hiato (tateo - tateio), evidenciando a seqüência ABC.

2.2 "BACKDERIVATION"

O capítulo VI da vultosa obra de MARCHAND *The Categories and Types of Present-Day English Word-Formation* é dedicado à back-formation. Suas considerações acerca desse tipo de formação se fundamentam na premissa de que as análises dos processos de formação de palavras devem levar em conta os dois planos da linguagem: o da expressão, ou do significante (a forma fônica), e o do conteúdo, ou do significado (a relação dos traços de conteúdo da palavra derivada com os da derivante).

MARCHAND desaprova a análise que a lingüística tradicional faz da back-formation, exagerando o valor de seu plano de expressão em detrimento do conteúdo e baseando-se em considerações históricas (a questão do que teria surgido primeiro). Para o autor, nesse sentido, o termo back-formation tem relevância apenas diacrônica. Ilustrando, cita o exemplo da formação peddler (mascate), que sincronicamente é derivada de peddle (mascatear), permitindo uma relação proporcional com o par write (escrever)/writer (escritor) - peddle: peddler = write: writer.²⁵(390)

Considerando que o que conta na análise sincrônica são os critérios da expressão e do conteúdo, as palavras peddler

(peddle), editor (edit), scavenger (scavenge) e sculptor (sculpt) não são derivadas por conterem um [ər], mas porque a análise de seu conteúdo as assinala como sintagmas motivados através dos respectivos verbos, acrescidos de er.²⁵(392)

O critério básico para se determinar a relação derivativa de qualquer par de palavras é, então, a análise do conteúdo, isto é, se a palavra maior é naturalmente analisável pelos traços de conteúdo da menor, aquela deve ser considerada derivada. Caso isso não ocorra, procura-se outra solução.

Analisando o caso de burglar (assaltante)/burgle, em que burglar não é "aquele que burgle", como é o caso de peddler ("aquele que peddle"), embora historicamente ambas (burgle e peddle) sejam consideradas back-formations, a proporção burglar: burgle = peddler: peddle não é correta.²⁵(393)

Na conclusão de suas considerações, MARCHAND afirma:

We have seen that the term backderivation or backformation, introduced by historical linguists, has been used indiscriminately for two different types of extracted words. With a small group, typified by "peddle"/"peddler", the term has only diachronic relevance. The historical situation is non thenn reversed: the original basis peddler is synchronically the derivative. With a large second group, represented by "burgle"/burglar, "televise"/television, the historical basis "burglar" (television) is also the derivational basis.²⁵(394)

Para o autor, portanto, devem-se distinguir as formações do tipo peddle, que, apesar de sua origem back-formed, é sincronicamente a base da derivação de peddler, daquelas do tipo burgle, que é ao mesmo tempo mais recente do que burglar e sincronicamente derivada.

PENNANEN, em seu trabalho *Contributions to the study of back-formation in English*, enfatiza o papel proeminente da formação regressiva entre os métodos de formação de palavras do inglês, bem como a conexão entre o renascimento da back-formation e as demandas mais recentes que estão sendo feitas na expressão lingüística. Qualifica a DR como um tipo de derivação inversa, já que, no sentido da norma, derivação significa a formação de novas palavras a partir de palavras existentes por meio de afixação. A DR, ao contrário, parte de uma suposta forma e retrocede à raiz, que, na verdade, não existe.

PENNANEN faz uso da definição de vários dicionários de destaque, como o *OES/S(supplement)* e o *Webster's New International Dictionary (WNID)*, cujas definições são basicamente as mesmas, seguindo a linha exposta pelo autor. Como exemplos de DR formadas por má interpretação da palavra "derivada", são também citadas do inglês - *burgle* de *burglar* e *peddle* de *peddler*.

A DR é baseada na função invertida do padrão de relação de uma palavra radical e seu derivado ou derivados. Quanto à questão da analogia como determinante do processo de DR, o autor destaca que o que realmente ocorre é uma analogia de padrão, mais do que de formas paralelas. Enfatiza também o papel do elemento semântico, pois lhe parece impossível considerar a DR como um processo meramente formal.²¹(148).

Além disso, a DR teria uma participação em outros métodos de formação de palavras como a conversão e a composição, bem como uma participação sub-surface no processo de introdução de novos elementos de outras línguas no inglês. A influência da DR é explicada, então, como a força coesiva que emana de uma

família de palavras cognatas, por exemplo: a formação de verbos ingleses a partir do latim e do particípio passado do francês.²¹(149).

PENNANEN destaca, ainda, que o fato de a DR estar produzindo, nos anos recentes, principalmente verbos e somente uns poucos substantivos e adjetivos, é fundamental para ilustrar a necessidade do surgimento de compostos verbais a partir do desejo de expressão concisa. Além disso, o fato de tais verbos compostos por DR serem chamados de "pseúdo-compostos" reforça a formação de tais termos por meio de composição direta e conversão, de modo que estes métodos de formação de palavras aumentam reciprocamente as DR de bases compostas.²¹(149)

Questionando a posição de MARCHAND de que o processo de DR seria de relevância apenas diacrônica, PENNANEN afirma que a busca dos primitivos pode ser completamente consciente, caracterizando, portanto, um processo sincrônico. O autor cita, então, alguns exemplos, como o de Shakespeare, que emprega o verbo *soothsay* ("adivinhar"), por ter tomado como certo que este era companheiro natural do substantivo *soothsayer* (adivinho, profeta).²¹(149)

2.3 A PERSPECTIVA GERATIVA

Enquanto a perspectiva tradicional enfatiza análise das formações que já existem efetivamente na língua, o gerativismo coloca ênfase nas regras. No segundo capítulo de seu livro *Word-Formation in Generative Grammar*, ARONOFF faz distinção entre palavras possíveis e palavras reais: *the actual words are a subset of*

the possible.²⁽¹⁸⁾ Nesse sentido, o papel da morfologia é evidenciar que tipo de novas palavras um falante pode formar.

Ao considerar as regras de formação de palavras como geradoras de palavras que podem ser armazenadas no dicionário da língua, sendo essas parte de sua gramática, ARONOFF postula que these rules are completely separated from the syntactic and phonological rules of the grammar.²⁽²²⁾ Assim, a interpretação de construções morfológicas é feita através de Regras de Formação de Palavras (RFP): $[[x]_n \rightarrow [[x]_n y]$, estendendo essa noção à interpretação de vocábulos, ou seja, à redundância lexical. Assume, ainda, a posição da teoria Padrão Estendida da sintaxe, com relação ao léxico: lexical insertion, at the level of the major lexical category, precedes all syntactic rules.²⁽²³⁾ Uma consequência dessas pressuposições é que cada palavra pode entrar no dicionário como um item separado completamente especificado. Portanto, cada entrada lexical é um signo completo em si mesmo.

Além do exemplo clássico de DR peddle/peddler, já citado por MARCHAND e PENNANEN, ARONOFF menciona o caso, muito comum no inglês, de empréstimo de uma forma latina derivada, cuja raiz é recuperada por DR. Esse é o caso do verbo **aggress**, formado regressivamente do nome substantivo **aggression**.

Para o autor, a afirmação de que as DR de qualquer tipo são possíveis, mas não necessárias numa teoria na qual todas as palavras do dicionário são itens separados completamente especificados, é aceitável. Em outras teorias, as formações regressivas podem ser problemáticas. Por exemplo, se **aggression**, como substantivo derivado, não é listado no dicionário como uma forma completamente especificada, então a forma que presu-

mivelmente é referida em *aggression*, completamente especificada no ponto da inserção lexical (*aggress*), deve ser marcada [-inserção lexical] para a maioria dos falantes.²(27) Esse recurso é criticado por ARONOFF, que considera a noção [-inserção lexical] tão forte que chega quase a ser vácuca.

Há, portanto, evidência de que algumas DR não podem mesmo ser geradas em qualquer teoria, mas apenas naquelas em que toda palavra seja considerada uma entrada completa em si mesma, evidência essa que vem de formas regressivas fonologicamente irregulares. O autor sugere, então, que se considerem palavras como *self-destruct* e *cohes*, formadas respectivamente de *selfdestruction* e *cohesion* por DR. Na maioria das teorias, são esperadas as formas *self-destroy* e *cohes*, que, presumivelmente, subjazem aos nominais e são meramente marcadas [-inserção lexical]. Nessas teorias, as formas reais são, então, impossíveis.²(27) ARONOFF evoca também a noção de regra alomórfica a fim de situar a questão apresentada dentro da teoria em estudo. Aventa, então, que o morfe *struct*, que ocorre em *self-destruct*, pode ser um alomorfe de dois morfemas (*struct* e *stroy*), ambos ocorrendo em final de palavra.

Com relação ao léxico, o autor lança a hipótese de que todos os processos regulares de formação de palavras terão por base uma palavra, sendo a nova construção formada mediante à aplicação de uma regra regular a uma palavra já existente na língua.²(21)

Embora ARONOFF não empregue o termo direcionalidade, argumenta que:

In a full-entry theory "self-destruction" is an entity into itself, and when we back-form from it we essentially ask ourselves, "what word might this one have been formed from"? (....) By a principle of least effort (....), we arrive at a choice which is arbitrary, we choose the form which is "closest" to the one we started out from, (....) and we arrive at the word "self-destruct" as the most likely.²(26)

Tal estratégia de reconstrução só é prevista quando se afirma que as palavras são formadas de palavras por regras, cada uma das quais executa uma operação fonológica unitária. ARONOFF acentua, ainda, que, em nenhuma outra teoria, somos induzidos a fazer as escolhas certas. Uma teoria que não tem entradas completamente especificadas não nos diz nada sobre esta situação.

BASILIO, em seu *Estudo Preliminar sobre a DR*, pretende analisá-la como um processo sincrônico de formação de palavras em português e mostrar que o uso relativamente restrito desse processo decorre de condições lexicais gerais para a formação de palavras.

Inicialmente, a autora apresenta a *Teoria da Entrada Plena* de JACKENDOFF (1975) como a primeira formulação de uma teoria lexical mais elaborada. Essa teoria está centrada na questão da redundância lexical através de regras de redundância morfológica e regras de redundância semântica, não dando conta, porém, da produtividade lexical.

Em seguida, BASILIO apresenta a proposição de ARONOFF (1976), na qual a questão da produtividade lexical é fundamental, impondo uma restrição às regras de redundância lexical possíveis: apenas as regras produtivas determinam a redundância lexical. A autora qualifica essa restrição como muito

forte, pois o falante não relacionaria lexicalmente formas do tipo declinar/declínio. BASILIO separa, então, as Regras de Formação de Palavras (RFP) — (1) $[x]_a \rightarrow [[x]_a y]$ — das Regras de Análise Estrutural (RAE) — (2) $[[x]_a y]_x$.⁴(21) Desse modo, os falantes podem interpretar como complexas formas cujos componentes não são produtivos; portanto, a redundância lexical não pode ser identificada à produtividade lexical.

Para se considerar a operação de (1) e (2) também sobre bases presas, são formuladas (1') e (2'):

$$(1') [x]_{(a)}, [[x]_{(a)} y]_x \quad (21)$$

$$(2') [[x]_{(a)} y]_x$$

Porém, mesmo com (1') e (2'), não há restrição da operação de RFP e RAE sobre bases presas, fazendo-se necessária a noção de "isolabilidade da base", segundo a qual a formação de palavra nova se faz pela adição de um afixo a uma base. Quando a base de uma construção morfológica é uma base livre na língua, ela é automaticamente identificada. Quando é uma base presa, sua identificação não é imediata e depende de outras condições de isolabilidade fornecidas pelo léxico.⁴(22)

O fato de haver seqüências fonologicamente idênticas a sufixos produtivos, como, por exemplo, **pardieiro** e **cimento**, sugere que a aplicabilidade das RAE a determinados itens pode depender de condições de isolabilidade da base. A recorrência em pelo menos duas construções transparentes é uma forma de identificar as bases presas. Ex.: **carpint** em **carpinteiro** e **carpintaria**. Já as formas **mosteiro** e **bueiro** não são analisadas como formas morfológicamente complexas.⁴(22)

Quanto à DR propriamente dita, BASILIO ressalta as duas posturas encontradas entre os teóricos: uma relaciona o fenômeno a uma falsa análise da estrutura da palavra e a outra é

neutra em relação a esse aspecto, definindo a DR apenas como a formação de palavras através da supressão de um elemento formador. A autora assume a segunda posição, pois está interessada na DR como fenômeno geral e não em casos esporádicos. Pressupondo a existência de RAE (a análise de uma palavra como morfológicamente complexa e a identificação da base), a autora caracteriza a DR como a transformação de uma base presa numa forma livre: (4) $[xy]_p \rightarrow [x]_n$.⁴(24)

A responsabilidade pela relativa raridade da DR, portanto, se deve às restrições seguintes.

(3) A identificação de uma base presa numa construção morfológica depende das condições de identificação morfo-semântica de pelo menos uma das partes da construção. (...)

(5) A formação de palavras por derivação regressiva só se pode processar na medida em que se possa atribuir univocamente uma categoria lexical a uma base presa.⁴(23-24)

Enquanto a restrição (3) fornece um critério para a identificação de bases presas, a restrição (5) afirma que só se estará em face de DR se, identificada a base presa, se puder atribuir-lhe uma categoria lexical.

A pouca freqüência das DR, como processo geral de formação de palavras, em relação a outros processos, não justifica afirmar que esta constitui um mero acidente histórico.⁴(25)

A autora passa, então, a analisar casos de DR sincrônica em português. Para tanto, cita os seguintes paradigmas:

<u>agetivo</u>	<u>nome abstrato</u>	<u>adjetivo</u>
(6) filósofo	filosofia	filosófico

- (7) ----- anemia anêmico
- (8) nome abstrato adjetivo agentivo
 futurologia futuroológico futurologista - futurólogo
- (9) agentivo
 A B
 anemista*[sic]*ánemo

Dada a não-aceitabilidade de (9B), coloca-se (10): A formação de agentivos correspondentes a formas X ia/Xico só pode ser feita por derivação regressiva se X for uma base composta.*(27)

Ao analisar os agentivos em (8), BASILIO questiona se realmente são casos de DR e se o que se denomina DR é algo diferente do que se denomina "analogia". Quanto à primeira questão, a autora afirma que a descrição dos dados em (8), por meio de RFP, não constitui alternativa viável. Deve-se, portanto, considerar os casos em (8) como de DR. Assim, sendo tal processo comum na formação de agentivos do tipo (8), fica evidenciada a importância sincrônica da DR.*(28)

Quanto à segunda questão, BASILIO assegura não haver dúvida de que formações por DR são formações analógicas; "futurólogo", por exemplo, é feita por analogia ao padrão (6). Contudo, os casos de formação de palavras por meio de RFP que adicionam afixos, bem como as RAEs são também analógicos. O conceito de analogia, entretanto, não permite revelar fatores cruciais diretamente relacionados à maior ou menor produtividade dos processos de formação de palavras no léxico.*(29)

*Talvez BASILIO tenha cometido um engano, pois essa formação não consta do dicionário AURÉLIO, de 1986. Contudo, poder-se-ia facilmente substituí-la por academia, acadêmico, **academista** *academo.

Referindo-se às formações regressivas deverbais, BASILIO diz que formações desse tipo constituem, sem dúvida, o grupo mais importante das derivações regressivas em português, não apenas porque esse é o caso mais freqüente de formações regressivas, mas também porque é um dos processos mais comuns na formação de substantivos a partir de verbos em português.³⁽³⁹⁾ Quanto à formação de agentivos, considera (...) os casos em (8) como casos de derivação regressiva. Na medida em que a derivação regressiva é um processo comum na formação de agentivos do tipo (8) em português, fica evidente que a derivação regressiva como processo de formação de palavras é de relevância sincrônica.⁴⁽²⁹⁾

Em seguida, a autora conclui que tal operação em processos sincrônicos era de se esperar, já que derivam dos mesmos princípios gerais que regem os vários processos de formação de palavras novas no léxico.

Com relação ao aspecto direcionalidade, BASILIO adverte que o critério de BARRETO é insuficiente para a maioria dos pares do tipo *atraso* e *demora*, que não correspondem nem a ações nem a objetos concretos ou substâncias, mas que são considerados como deverbais por apresentarem um sentido mais vizinho ao do verbo. Os casos de *grito*, *tosse* e *engasgo* também são complexos, pois podem ser considerados primitivos ou derivados deverbais.⁵⁽⁴¹⁾

Já que a formação de substantivos a partir de verbos é mais produtiva do que o contrário e que entre o verbo e a forma nominalizada é estabelecida uma relação sintático-semântica independente da origem da forma substantiva ou da forma verbal, BASILIO sugere que nos casos de dúvida se opte pela análise como deverbal. Para ela, uma formação deve ser considerada como deverbal quando puder ser usada com sentido verbal.⁵⁽⁴²⁾

3 UM LÉXICO COMPOSTO DE RADICAIS

3.1 A PROPOSTA DE LOBATO

Partindo da definição tradicional que considera a DR um processo de formação de substantivos como resultado do acréscimo da vogal "o", "a" ou "e" ao radical do verbo correspondente, sendo esse radical a forma verbal subtraída da vogal temática e da desinência verbais,²²⁽¹⁾ LOBATO constata a existência de problemas de natureza morfológica, lexical e semântica.

O problema de natureza morfológica se caracteriza pelo fato de que o acréscimo de uma vogal diferente ao radical verbal faz com que a vogal temática do substantivo seja distinta da do verbo correspondente (por exemplo: perder - perda). Já o problema de ordem lexical é atribuído à existência de substantivos deverbais a que não correspondem verbos, o que permite considerar a admissão de verbos hipotéticos ou inexistentes (por exemplo: do inglês - *illude-illusion, do português -*aloprar -> alopro).^{*} O problema de natureza semântica, por sua vez, refere-se à dificuldade que há, muitas vezes, em se determinar se foi realmente o substantivo que se derivou do verbo ou o inverso.²²⁽¹⁾

Ao analisar esses problemas, LOBATO sugere que, para os substantivos com duas leituras possíveis (uma como ação e outra como objeto), tais como venda, jogo e crítica, se aceite a pro-

^{*}Exemplo de VERISANI (1971), citado por LOBATO (op. cit.).

posta de BARRETO sobre as duas derivações: uma em que o substantivo é a forma primitiva e outra em que o verbo o é. Essa proposta se justifica pela ambigüidade contida em tais formas. Entretanto, do ponto de vista dos verbos, seria inadequada, pois, não sendo ambíguos como os substantivos, não haveria necessidade de duas derivações.²²(2)

LOBATO analisa também a proposta de BASILIO, segundo a qual ocorrem substantivos que não denotam objeto, substância ou ação. Para esses substantivos (atraso, demora, grito, etc.), a autora propõe que se abandonem as tentativas para saber qual seria o termo primitivo. A questão da direcionalidade passaria, então, a ser uma questão de cronologia da formação, ou seja, a preocupação deixaria de ser quanto ao estabelecimento do que é original e do que é derivado, para se concentrar na busca do que foi formado primeiro.²²(3) Diante de tal possibilidade, (...) a relação que realmente existe entre verbos e substantivos correspondentes (...) seria estabelecida por meio da consideração de que ambos provém de uma mesma forma em comum. Isto é, no caso do português, dado um determinado radical, não marcado nem como verbo nem como substantivo, o acréscimo de uma dada vogal temática o tornaria um substantivo, e o acréscimo da mesma ou de outra vogal temática mais a desinência apropriada o tornaria um verbo.²²(3)

Essa idéia já havia sido expressa na Hipótese da Unicidade dos Verbetes formulada por CHOMSKY em Remarks on Nominalization. As vantagens oferecidas são as seguintes: a eliminação dos três problemas já mencionados, dos quais o de ordem semântica é mais facilmente contornável, através da especificação de que o deverbal tem pelo menos uma interpretação verbal e a economia na descrição das exigências compartilhadas por verbo e substantivo e que só seriam especificadas uma vez

para o radical correspondente (exemplificando: "criticar" (agente e tema) e "crítica" com a mesma informação argumental).²²⁽⁴⁾

Por outro lado, com a aceitação dessa abordagem, é impossível considerar o processo de DR como um processo geral, abrangendo derivação deverbal e denominal. Estariam perdidas, também, as vantagens da proposta que considera que os regressivos provêm de outras palavras, ou seja, a possibilidade de se explicar por que fuga e busca têm interpretação verbal, mas bolsa, flor, sarampo e gajo não têm.

Segundo LOBATO, o que é comum a todos os substantivos regressivos do português (quer deverbais quer denominais) é o fato de não haver acréscimo de afixo ao radical, havendo simplesmente acréscimo de vogal temática.²²⁽⁵⁾ Essa caracterização, entretanto, ainda é insuficiente, pois não é exclusiva dos substantivos formados por DR, aplicando-se também a substantivos do tipo "lata" e "mala".²²⁽⁵⁾

Considerando-se a questão da direcionalidade como fundamental para a conceituação geral do processo de DR e tendo em vista que esse é um fator não incluído nessa análise, LOBATO propõe um novo tratamento da questão, utilizando a distinção feita por BASILIO (1981) entre Regras de Análise Estrutural (RAE) - que permitem analisar a estrutura das palavras - e Regras de Formação de Palavras (RFP), às quais correspondem RAE.²²⁽⁶⁾

Assim, ao assumir que o processo de DR implica a operação de RAE e tendo em vista a solução dos problemas levantados pela abordagem tradicional, LOBATO sugere que (...) a derivação regressiva não é um processo de supressão de vogal temática e desinência verbais e (eventual) acréscimo de

nova vogal temática. Mas sim um processo de simples projeção do radical de um vocábulo da língua, sem nenhum acréscimo de afixo derivacional.²² (7) Finalmente, conceitua DR como (...) o processo de formação de palavras em que um vocábulo é formado por simples projeção do radical de outro vocábulo, já existente ou passível de existir na língua, sem acréscimo de afixo derivacional.²² (8)

Essa proposta tem, também, a vantagem de dar conta de qualquer formação regressiva, tanto de substantivos deverbais (formados por projeção do radical de um verbo e acréscimo de vogal temática) e de substantivos denominais (formados por projeção do radical de um nome com acréscimo de vogal temática), quanto de verbos, adjetivos e substantivos agentivos, além de instrumentais regressivos denominais (formados por projeção do radical de um substantivo e acréscimo de vogal temática).²² (8)

Um fator determinante da direcionalidade, nesses casos, é a presença ou ausência de estrutura argumental nos derivados. Assim, o fato de os deverbais possuírem estrutura argumental revela sua formação por projeção de um radical verbal, enquanto a sua ausência nos derivados denominais indica uma formação por projeção de um radical nominal. Outro fator é a significação, pois a designação de um "ser" é própria dos substantivos e não dos verbos.²² (8)

Quanto à apresentação teórica das formas derivante e derivada, a autora prefere a sugerida por CHOMSKY (1970), que apresenta somente a forma do radical na entrada do verbete, expondo, em primeiro lugar, suas características em comum e, em segundo, as idiossincrasias. Para o caso dos deverbais, dá o seguinte exemplo:

(2) critic : (agente, tema),
 V [[[critic]a]r],
 N [{" }a]

Na seqüência, LOBATO passa à apresentação de sua proposta de derivação gerativa dos deverbais na perspectiva da Teoria da Regência e Ligação, cuja exposição não tem pertinência nesta dissertação.

Em síntese, ao retomar as propostas apresentadas pelos autores selecionados, verifica-se que os fatores considerados relevantes para a análise da DR são mais ou menos unânimes. Assim, BARRETO enfatiza a questão da direcionalidade da formação, fornecendo um critério baseado no sentido e que é adotado pelos gramáticos tradicionais em geral. SANDMANN, por sua vez, também enfatiza o fator direcionalidade, defendendo a análise sincrônica para alguns casos de DR. MARCHAND distingue as análises diacrônicas das sincrônicas, sugerindo, a exemplo de BARRETO, que os critérios de análise sejam baseados no sentido, mais do que na forma. JÁ PENNANEN, discordando de MARCHAND, enfatiza a relevância sincrônica da DR e menciona a importância do elemento semântico.

Na perspectiva gerativa, ARONOFF considera a DR como a aplicação para trás de uma Regra de Formação de Palavras (WFR), enfatizando a questão da produtividade lexical. Sua proposta é compartilhada por BASILIO, que às suas WFR acrescenta a noção de Regras de Análise Estrutural (RAE), considerando-a fundamental para o processo de DR. Por fim, a proposta

*Local da projeção.

de LOBATO diverge das demais em um ponto fundamental, qual seja, a concepção de léxico.

Partindo-se do pressuposto de que o que caracteriza a DR enquanto processo de formação de palavras é a subtração de elementos, implicando uma direcionalidade (no caso dos deverbiais, a direcionalidade é verbo -> substantivo), a DR só é possível numa teoria em que as palavras são formadas de palavras já existentes na língua, ou seja, uma teoria na qual o léxico é composto de palavras. Nesse sentido, apenas a proposta de LOBATO não corresponde a essa premissa implícita na própria noção de DR. Sua proposta final de conceituação da DR, enquanto processo de formação de palavras em que um vocábulo é formado por simples projeção do radical de outro vocábulo, já existente ou possível de existir na língua, sem o acréscimo de afixo derivacional, substitui a direcionalidade da relação derivante/derivado pela noção de estrutura argumental, eliminando a possibilidade da DR. Portanto, pode-se dizer que, nesse modelo, não há regras de subtração, pois as projeções são sempre de radicais, ou seja, de formas já reduzidas.

4 A POSIÇÃO DE DRESSLER

Os elementos fornecidos pelas análises expostas permitem traçar um paralelo entre as posições dos autores quanto aos fatores fundamentais para a análise da DR e a posição de DRESSLER.

Embora suas considerações não sejam especificamente sobre DR, já que não se detém no estudo de um processo que considera antinatural, DRESSLER deixa transparecer sua posição através dos comentários gerais que faz sobre a formação de palavras. Assim, como já visto no capítulo II, sua visão de léxico é *word-based*, ou seja, o léxico é composto de palavras (signos primários), a partir das quais são geradas novas palavras.

A produtividade é vista por DRESSLER como um fator de caráter quantitativo, ligado à generalidade (aplicação a empréstimos, etc.) das regras, e determinado, ainda, pela naturalidade (iconicidade).

Ao se apresentar como um adepto incondicional da direcionalidade das regras, DRESSLER permite inferir que, para ele, esse fator também se aplica à DR. Já a distinção entre sincronia e diacronia é utilizada contingencialmente pelo autor, ou seja, ele não assume a priori um tratamento diacrônico ou sincrônico dos processos de formação de palavras, mas recorre a um ou a outro enfoque conforme a circunstância.

Assim, partindo-se de sua concepção de léxico, vê-se que ao admitir que as palavras são formadas de palavras, DRESSLER dá abertura para a ocorrência da DR, já que esta pressupõe a subtração de elementos de palavras já existentes.

Para a caracterização da DR enquanto fenômeno subtrativo, o fator direcionalidade da formação é básico. Ao admitir a importância fundamental desse fator para qualquer processo de formação de palavras, DRESSLER automaticamente o aplica também à DR. Além disso, ao incorporar tanto análises sincrônicas quanto diacrônicas, o autor não pode considerar a DR como um mero acidente histórico, visto que esse tipo de formação se mostra crescentemente generalizado em português, dividindo o mesmo espaço com processos de sufixação.

Concluindo, pode-se dizer que, de acordo com os fatores analisados, DRESSLER consideraria a DR um processo de subtração, sincrônica e diacronicamente relevante, optando por um critério para o estabelecimento da direcionalidade, talvez o de BARRETO. Assim, DRESSLER compatibiliza-se com todas as propostas apresentadas, à exclusão da de LOBATO.

As implicações do processo de DR frente a sua proposta de naturalidade morfológica, bem como algumas considerações sobre a DR e o sistema tipológico do português serão temas abordados no capítulo seguinte.

CAPÍTULO IV

DERIVAÇÃO REGRESSIVA EM PORTUGUÊS:
CONTRIBUIÇÃO À TEORIA TIPOLOGICA

A proposta de DRESSLER, ao contrário da de LOBATO, possibilita a ocorrência de processos subtrativos (DR) de formação de palavras, pois reúne as condições necessárias para sua existência, como um léxico composto de palavras (formação de palavras word-based) e o reconhecimento de uma direcionalidade nas regras, entre outros fatores. Nesse modelo, as formações consideradas deverbais pelo critério de BARRETO, por exemplo, tais como (o)embarque e (o)aprovo, poderiam ser analisadas como subtrativas, já que são obtidas pela eliminação do sufixo verbal, constituindo, assim, palavras menos extensas que seus primitivos.

Esse modelo, entretanto, ao mesmo tempo em que produz a possibilidade da existência de regras subtrativas (estruturalmente falando), cria também uma espécie de restrição teórica ou ontológica à existência desse tipo de formação. Essa restrição é fundamentada no princípio de naturalidade semiótica, a partir do qual são elaboradas as escalas de naturalidade. Assim, na **Escala de Iconicidade Construcional** para as técnicas de formação de palavras, DRESSLER coloca a **subtração** em último lugar, numa lista de cinco itens, posição essa que se deve ao fato de essa técnica ser considerada a menos natural (antinatural), ou a menos icônica. A previsão de sua quase total improdutividade nas línguas do mundo é então fato conseqüente.

Essa implicação, assim como toda a estruturação da proposta de DRESSLER está intimamente ligada a sua concepção com-

posicional* de semântica evidenciada na Escala de Transparência Morfossintática. Assim, se o significado do todo é formado pela soma dos significados das partes e se a relação significante/significado é uma relação diagramática, ao se formar uma nova palavra a partir de uma já existente, ou seja, ao se acrescentar um novo significado à palavra primitiva (à base), esse acréscimo deve acarretar um acréscimo no significante. Portanto, para DRESSLER, é natural que a técnica de afixação (pura aglutinação) seja a mais icônica e, conseqüentemente, a mais produtiva.

A técnica de subtração, por seu turno, executa o processo inverso, pois na formação de palavras através dessa técnica, a um acréscimo no significado corresponde uma redução na forma. Em vista disso, como atesta DRESSLER, esse tipo de formação deve ser muito raro nas línguas e, naquelas em que porventura existir, sua produtividade deve ser infinitamente inferior à das demais técnicas.

Em suas tentativas de evidenciar essa improdutividade geral da técnica da subtração, DRESSLER cita o exemplo das formações hipocorísticas diminutivas do húngaro (Erzsebet (Elizabete) -> Erzsi (Bete), zongora (piano) -> zongi (querido pianinho)), em que após a subtração que forma um monossílabo (Erzs, zong) há o acréscimo obrigatório do sufixo diminutivo -i.

Analogamente ao caso do húngaro, ocorre a formação de nomes hipocorísticos na língua Afrikaans, que consiste na aplicação de uma regra totalmente previsível: após a subtração

*Conforme apresentado no capítulo II.

da primeira parte do nome, reduzindo-o a um onset* consonantal, um núcleo vocálico e um offset consonantal, acrescenta-se o sufixo diminutivo *-ie*. Exemplificando, tem-se: *wynie* (de *wynand*) e *swanie* (de *swanepoel*).

Assim, tanto os hipocorísticos do húngaro quanto do Afrikaans poderiam ser considerados DR, já que constituem regras previsíveis de formação de palavras, cujas descrições incluem uma redução da palavra derivante. Porém, como argumenta DRESSLER,¹⁶ (328) em ambos os casos não há subtração pura, pois, posteriormente a esta, há o acréscimo de um elemento cuja função é a de sufixo derivacional diminutivo. Portanto, o que estaria caracterizando esses tipos de formação não seria apenas a subtração, mas principalmente a presença dos sufixos diminutivos. Desta forma, os nomes hipocorísticos do húngaro e do Afrikaans constituem casos em que a presença da técnica da afixação vem a confirmar sua maior generalidade e produtividade em relação à técnica da subtração.

Para uma análise comparativa entre os casos apresentados por DRESSLER e a formação de nomes hipocorísticos em português, faz-se necessária uma exposição geral da questão. Nesse sentido, destaca-se o trabalho de ILARI **Hipocorísticos e Geratividade**, no qual, após distinguir os nomes hipocorísticos do que o autor denomina "deformação afetiva de nomes" (*Maria/Marocas*), da aplicação de sufixos diminutivos (*Carlos/Carlinhos*) e dos apelidos (*Edson Arantes do Nascimento/Pelé*), o autor os define como formas derivacionais (num sentido amplo, não no sentido técnico que se dá ao termo em

*Onset, núcleo e offset são os elementos que compõem a sílaba.

morfologia) e apresenta os tipos de processos usados para sua construção: por apócope (Isabela = **Isa**, Teresa = **Tere**), por paragoge (Isabela = **Bela**, Gabriel = **Bié**) e por construção de uma expressão dissílaba com os materiais da palavra original. Este último processo é subdividido em vários outros, a saber:

a) reduplicação de uma sílaba com materiais da sílaba tônica ou pretônica, resultando num esquema C_1, V_1, C_1, V_1 :

Carlos = Cacá

Geraldo = Gegê

Eduardo = Dudú

Nicanor = Nonô

b) reduplicação de uma sílaba construída com materiais da sílaba tônica ou pretônica, mais w, semiconsonantal, fechando a segunda sílaba e resultando num esquema C_1, V_1, C_1, V_1, W :

Laura = Lalau

Eleusina = Leleu

c) construção de uma forma C_1, V_1, C_1, V_2 , em que C_1 e V_1 reproduzem a sílaba tônica da palavra original, e V_2 é o ou a, correspondendo às terminações normais do masculino e feminino:

Carlos = Câco

Nicanor = Nôno

Cecília = Ciça

Cícero = Ciço

d) construção de uma forma $C_1 V_1 C_1 a$, em que C_1 e V_1 reproduzem materiais da palavra original, sendo esta masculina:

Eduardo = Duda

Luis = Lula

Antônio = Tota

e) construção de uma forma $C_1 V_1 ca$, em que C_1 e V_1 reproduzem materiais do nome próprio original, sendo este masculino:

João = Juca

José = Joca

José = Zeca

Nicanor = Noca

Ped(r)o = Doca

Contudo, segundo ILARI, esses "esquemas" não valem por regras, num sentido estreito, pois não servem para fazer previsões.²⁰(211) Para ele, as razões causadoras da incapacidade que o falante tem de anteciper o hipocorístico em sua forma exata são as seguintes:

- a) o fato de as regras não serem totalmente produtivas (José/Zeca, *Mané, Neca);
- b) a existência de restrições quanto à aplicação de certas formas, tais como Fifi, Lili ou Pipi* para Felipe;

²⁰Aqui ILARI coloca a questão de um certo "simbolismo fonético", que atribui a essas formações um caráter de excessiva delicadeza para nomes masculinos.

c) o caráter familiar da escolha do hipocorístico, que é reservada a grupos fechados como a família, a patota de amigos, etc.;

d) o fato de vários nomes darem origem a um mesmo hipocorístico (ex.: Zeca é José Tranquilino, mas é também José Carlos).

Em conclusão "provisória", ILARI, embora reconheça que a classe dos hipocorísticos não pode ser tomada como paradigma da competência gramatical do português, considera também que não se pode simplesmente descartá-la do escopo da competência, pois os locutores reconhecem entre nomes próprios e hipocorísticos uma "semelhança de família". Para o autor, a competência dos falantes nativos a respeito desse tipo de formação consiste na capacidade de manipular certas "pistas" para relacionar nomes próprios e hipocorísticos.²⁰ (211)

Observando-se os esquemas apresentados por ILARI, nota-se que esses são formados em sua maioria por redução e reduplicação, excetuando-se alguns casos do tipo e (como João/Juca, José/Joca), em que mais parece haver um processo de modificação ou supleção do que de subtração ou reduplicação. O tipo b é o que aparentemente mais se assemelha aos exemplos fornecidos por DRESSLER, no sentido de que após a reduplicação há o acréscimo de um elemento — a semivogal ou "semiconsonantal"/w/ — como, por exemplo, em Laura/Lalau. Porém, distintamente do húngaro e do Afrikaans, em que o elemento acrescentado (-i, -ie) constitui um sufixo diminutivo, ou seja, um elemento derivacional e, portanto, semanticamente relevante, o elemento acrescentado pelo processo b do português (u) é apenas um elemento estrutural, sem valor derivativo ou semântico.

Portanto, poder-se-ia dizer que, embora a investigação de ILARI precise ser aprofundada, o processo de formação de hipocorísticos em português, de modo geral, é um processo de "re-duplicação subtrativa".

todavia, mesmo a se confirmar o caráter subtrativo do hipocorístico em português, não se poderia caracterizá-lo como um caso de DR, visto que não se trata propriamente de derivação de palavras novas — no sentido habitual do termo —, mas de variações de uma mesma palavra. Assim, a própria aplicação do critério da diagramaticidade não poderia ser feita, pois a alteração no significado (a existência de uma nova palavra) é pré-requisito para sua aplicação.

A estatística apresentada por DRESSLER sobre a produtividade das técnicas de formação de palavras (quadro 1) é outra tentativa de evidenciar a improdutividade da subtração. Das línguas pesquisadas (alemão, russo, húngaro, georgino, tzotzil, dieguenho, kalispel, pengo, yidim e palau), apenas o russo é tido como detentor de uma regra (produtiva) de formação de palavras por subtração (logika (lógica) -> logik (o lógico), fizika (física) -> fizik (físico)). Mesmo admitindo o caráter subtrativo da regra, DRESSLER justifica diacronicamente sua existência, atribuindo sua produtividade sincrônica à tipologia da língua.

Ao discorrer sobre o alemão, sua língua materna, DRESSLER reconhece a existência de uma regra subtrativa atuando em hond (cachorro) -> hon (cachorros), no alemão dialetal. Porém, devido ao seu caráter não-padrão, não a considera como parte do conjunto das regras da língua. No entanto, o fato de DRES-

SLER enquadrar o alemão no conjunto das línguas que não possuem nenhuma regra de subtração (mesmo que pouco produtiva), bem como a constatação da existência da DR enquanto regra atuante no alemão padrão* (rufen -> Ruf (gritar -> grito), schlafen -> Schlaf (dormir -> sono)),** constituem evidência de que DRESSLER não considera a DR como um tipo de formação por subtração.

Dando continuidade ao raciocínio acima, ao se traçar um paralelo entre a DR em alemão e em português, vê-se que enquanto o que ocorre em kaufen -> kauf, schlafen -> Schlaf é a simples supressão do sufixo verbal -en, caracterizando assim um processo de redução, em português há um problema adicional. Trata-se da consideração do papel do elemento vocálico final dos deverbais, denominado "vogal temática" e que se concretiza através de uma das três vogais o, a e e (engorda, embarque e afrouxo). Essa variação, bem como a constatação de que nem sempre a vogal temática do substantivo derivado é idêntica à do verbo correspondente (apertar/ aperto, cortar/corte), têm levado alguns estudiosos como BASILIO e SANDMANN*** a questionarem até que ponto deveríamos considerar tais formações como derivações regressivas. ⁵(39)

À margem de sua proposta apresentada no capítulo III, BASILIO II considera, embora de forma superficial, que a simples supressão da marca de infinitivo do verbo não caracteriza uma derivação subtrativa, pois, além de tratar-se de um ele-

*Como mostra a escala da página 33.

**Exemplos de SANDMANN, 1989, p.58.

***Para distinguir as propostas desses autores, apresentadas no capítulo III, de suas considerações posteriores, mencionadas neste capítulo, denominar-se-ão estas últimas SANDMANN II e BASILIO II e aquelas, SANDMANN I e BASILIO I.

mento flexional, o que levaria a uma "mistura" de flexão com derivação, há o acréscimo posterior da vogal temática ao nome.⁵(40)

Já SANDMANN II, distintamente de BASILIO II, que apenas levanta a questão e não se posiciona com clareza frente ao problema, em livro inédito,⁶ irá propor claramente que formas como *poda* (de *podar*), *transplante* (de *transplantar*) e *sustento* (de *sustentar*) não sejam consideradas DR, mas processos de afixação, pois considera as vogais *a*, *e* e *o*, acrescentadas ao radical verbal, como "morfemas sufixais".

Justificando tal posição, além da questão da diferença entre a vogal temática do verbo e a do substantivo, SANDMANN II antecipa o contra-argumento de que essa vogal é um apêndice exigido pela estrutura silábica do português, replicando que há casos como os de *procura* e *devassa* que não necessitariam dessa vogal final para se adaptarem à estrutura da língua. Além disso, se assim fosse, o elemento a ser inserido deveria ser sempre a vogal *e*, como ocorre na adequação de empréstimos como *esnobe* e *clube*.

Como se pode notar, trata-se de uma questão polêmica que põe em risco a própria noção de DR.

Um outro possível contra-argumento ao argumento de SANDMANN II é a consideração de que os elementos em questão podem representar realmente uma exigência da língua, ou seja, o fato de que após o núcleo silábico, o português só aceita os elementos /l/, /r/, /s/, /s/, /z/, /z/ e as semivogais /y/,

⁵Livro "Morfologia Geral", a ser publicado pela série "Repensando a Língua Portuguesa" da Editora Contexto.

/ỹ/, /w/, /w̃/, leva as formações como **sustento**, **embarque**, **enfoque** e **desarme**, a necessitarem dessa vogal final. Para os outros casos em que tal vogal não se faz necessária (**atropelo**, **desossa**, etc.), houve uma generalização devido à tendência que a língua apresenta à regularização das formas. Quanto aos fatores que determinam a escolha da vogal, esses ainda não são claros, sabendo-se apenas que é essa vogal que vai determinar o gênero da palavra, ou seja, se a vogal for o ou e, a palavra será masculina (como em (o)**embarque** e (o)**afrouxo**) e, se for a, será feminina (ex.: (a)**desossa**). De qualquer modo, a questão fundamental é quanto à caracterização da DR — se esta é um processo de subtração, de afixação ou outro.

Recapitulando, são três as teorias básicas: a análise tradicional, a proposta de LOBATO e a hipótese lançada por SANDMANN II e compartilhada por BASILIO II.

Ao primeiro grupo aderem, parcial ou totalmente, todos os autores apresentados no capítulo III, à exclusão de LOBATO. Ao considerar que a formação de palavras se dá a partir de palavras já existentes na língua, a análise tradicional coloca como pontos relevantes para o estudo da DR a distinção entre análise sincrônica e análise diacrônica, o estabelecimento de um critério para se determinar a direcionalidade das formações e a intervenção do fator analogia nos casos de DR irregulares. Porém, tal análise deixa em aberto alguns aspectos problemáticos demarcados por LOBATO.

A segunda proposta, a de LOBATO, considera a DR como processo de formação de palavras em que um vocábulo é formado pela simples projeção do radical de outro vocábulo, já existente ou passível de existir na língua, sem acréscimo de afixo derivacional.²²(8)

Com essa definição, eliminam-se os problemas colocados pela análise tradicional, quais sejam:

- a) o problema da diferença entre a vogal temática do verbo e a do substantivo deverbal, uma vez que a base seria apenas o radical verbal sem a vogal temática;
- b) o problema da existência de substantivos deverbais, a que não correspondem verbos, pois na análise de LOBATO a existência efetiva do verbo não é relevante, desde que haja a possibilidade de sua existência;
- c) o problema da direcionalidade da formação, pois o que vai caracterizar os deverbais é a presença de estrutura argumental, característica própria dos verbos.

Além disso, a ressalva (...) sem acréscimo de afixo derivacional contida em sua definição, revela a desconsideração do elemento adicionado ao radical verbal (as vogais o, a e e) enquanto afixo derivacional. Assim, para LOBATO, o processo de DR não é um processo de subtração, nem tampouco de afixação.

Quanto à hipótese de SANDMANN II e BASILIO II, essa parece ser a mais ousada, pois a consideração dos elementos o, a e e como sufixos derivacionais implica o estabelecimento de um estatuto próprio desses elementos, além da necessidade de distingui-los de elementos idênticos, mas que não constituem sufixos e que estão presentes em várias formações da língua (como em mala, bola, moleque, livro, etc.).

Retornando a DRESSLER, pode-se dizer que, das propostas apresentadas, a que mais se compatilizaria com seu modelo seria a hipótese aventada por SANDMANN II, pois, nesta, sua visão de léxico *word-based* é preservada, o que não ocorre com a proposta de LOBATO, e, ao mesmo tempo, suas previsões de improdutividade dos processos de subtração se confirmam, o que não ocorre com a proposta tradicional.

A despeito de sua visão de léxico enquadrá-lo no grupo tradicional liderado por BARRETO, DRESSLER desconsidera claramente a DR em alemão como processo subtrativo. Embora seu raciocínio para tanto seja obscuro, principalmente porque se poderia dizer que, pressupondo uma concepção *word-based*, nessa língua a DR como redução "não deixa a menor dúvida" — visto que não há a presença do elemento polêmico "vogal temática", como em português —, supõe-se que seu argumento para as DR em português deve ser análogo ao que utiliza para os casos dos hipocorísticos em húngaro e em Afrikaans, ou seja, de que após a redução há um acréscimo de afixo. Porém, enquanto a hipótese de SANDMANN II não se consolidar, já que não foi sequer publicada para discussão, pode-se contra-argumentar também da mesma forma que se fez com relação aos nomes hipocorísticos do tipo Laura/Lalau em português, em que o elemento acrescentado após a redução e reduplicação não tem valor derivativo, assim como as vogais o, a e e dos deverbais.

Portanto, mantida a posição de DRESSLER de não aceitação da DR enquanto processo de redução mas de afixação, a escala de Iconicidade Construcional para a formação de palavras

do português, observando-se também a improdutividade da técnica de modificação, seria a seguinte:

- a) **afixação** - nadar -> nadador, enfocar -> enfoque;
- b) **afixação + modificação** - amável -> amabilidade;
- c) **conversão** - amanhã -> (o)amanhã.

Assim, nesse parâmetro, o português seria uma língua muito natural (icônica).

Se, ao contrário, se aceitarem os argumentos que atestam o caráter subtrativo da DR, a escala será:

- a) **afixação** - aguçar -> aguçamento, cartelizar -> cartelização;
- b) **afixação + modificação** - limão -> limonada;
- c) **conversão** - contra -> (os)contras
- d) **subtração** - engordar -> engorda, aportar -> aporte.

De qualquer forma, a implicação mais natural (mais icônica) -> mais produtiva, traçada por DRESSLER, é confirmada, pois o que na verdade "quebraria" suas previsões seria a inversão dos pólos da escala, ou seja, se em português houvesse mais **subtração** do que **afixação**, o que não ocorre, como evidencia a pesquisa de SANDMANN apresentada na introdução do capítulo III.

A estatística que DRESSLER apresenta quanto à produtividade das técnicas de formação de palavras (quadro 1) mostra uma identificação muito grande do russo com o português, pois o único item da escala que não é produtivo em ambas as línguas é a técnica de **modificação**, sendo que a consideração da DR em português como **subtração** viria a reforçar a semelhança tipo-

lógica entre essas línguas, já que o russo possui uma regra produtiva que utiliza a técnica da subtração.

Com o objetivo de uma melhor visualização dessas semelhanças e dessemelhanças, a partir do levantamento realizado por SANDMANN em seu livro *Formação de Palavras no Português Brasileiro Contemporâneo* (1989), elaborou-se, dentro das limitações do corpus coletado por SANDMANN, uma primeira aproximação da produtividade das técnicas de formação de palavras no português, de acordo com o grau de produtividade (Produtivas, Semiprodutivas e Improdutivas) das regras. Para tanto, os critérios utilizados foram os seguintes:

- a) **Afixação** - considerou-se a aplicação de sufixos e prefixos, computando uma regra para cada afixo;
- b) **Afixação + Modificação** - consideraram-se como regras os processo de modificação dos tipos /ão/ -> /on/, como em caminhoneiro (de caminhão); /vel/ -> /bil/, como em amabilidade (de amável), /k/ -> /s/, como em eletricidade (de elétrico); os acréscimos de segmentos, tais como /z/ em forrozeiro; as mudanças de segmento, tais como a alteração n -> l em feminilização (de feminino -> feminilizar); o processo de dessonorização /d/ -> /s/, como em eletricitário (de eletricidade);
- c) **Modificação** - não houve dados com essa técnica;
- d) **Conversão** - consideraram-se as mudanças de classe de palavras, dos tipos advérbio -> substantivo, adjetivo -> substantivo, substantivo -> adjetivo, preposição -> substantivo e verbo -> substantivo; as

mudanças de classe sintática/semântica, do tipo nome próprio -> substantivo comum (Pinel -> pinel) e, finalmente, as formações exocêntricas em geral (meio campo -> (o)meio-campo);

- e) **Subtração** - considerou-se a formação de substantivos deverbais por derivação regressiva.

Os critérios para determinação da produtividade das regras foram de ordem numérica, constituindo-se no seguinte:

- a) regras produtivas (P) = acima de três formações novas;
- b) regras semiprodutivas (S) = até três formações novas;
- c) regras improdutivas (I) = nenhuma formação nova (ou uma em situação especial).

A partir desse levantamento sobre o português e da consideração da DR em alemão como regra subtrativa, amplia-se o quadro apresentado por DRESSLER (no capítulo II), para o seguinte (quadro 2).

QUADRO 2 - ESTATÍSTICA DA PRODUTIVIDADE DAS REGRAS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS, SEGUNDO TÉCNICAS UTILIZADAS (INCLUINDO O PORTUGUÊS)

		AFIXAÇÃO	AFIXAÇÃO +	MODIFICAÇÃO	CONVERSÃO	SUBTRAÇÃO
		AFIXAÇÃO	MODIFICAÇÃO			
	P*	45	11	-	6	1
Português	S	27	3	-	1	-
	I	13	3	-	-	-
	P	22	16	1	2	(1)
Alemão	S	57	8	-	-	-
	I	2	3	3	1	-
	P	59	18	-	1	1
Russo	S	37	11	-	-	-
	I	32	7	várias	-	-
	P	27	6	-	-	-
Húngaro	S	19	3	-	-	-
	I	20	2	-	-	-
	P	12	7	-	-	-
Georgino	S	3	2	-	-	-
	I	-	1	-	-	-
	P	13	7	-	-	-
Tzotzil	S	2	-	-	-	-
	I	11	4	-	-	-
	P	12	-	-	-	-
Dieguenho	S	5	-	-	1	-
	I	30	-	2	-	-
	P	12	8	1	-	-
Kalispel (P)						
Pengo (P)		8	2	-	-	-
Yidim (P)		8	5	-	-	-
Palau (P)		9	2	-	1	-

*P = produtivo

S = semiprodutivo

I = improdutivo

Números arábicos = números de regras de formação de palavras

Desse modo, considerando-se a DR tanto em português quanto em alemão um processo subtrativo, a estatística de DRESSLER já registraria três línguas em que a técnica da subtração é produtiva (a DR no inglês não foi considerada por falta de dados). Assim, embora tais constatações não coloquem

em risco a naturalidade proposta por DRESSLER, já que essas "anomalias" ficariam por conta da tipologia das respectivas línguas, é de se pensar como um processo considerado antinatural pode apresentar tantas manifestações em línguas "perfeitamente naturais".

CONCLUSÃO

A nova proposta de naturalidade feita por DRESSLER na verdade não é uma proposta nova, uma vez que o critério da diagramaticidade de que faz uso tem correspondência em JAKOBSON e se fundamenta na semiótica de PEIRCE. Sua visão funcionalista da linguagem é inclusive coerente com a escolha de uma metateoria como a semiótica, que resulta na ênfase das funções da linguagem enquanto sistema de signos.

Na realidade, existe uma coerência interna entre a metateoria, a concepção de naturalidade como relação diagramática e o pressuposto de uma semântica composicional, todos complementares entre si. O fio condutor presente na estrutura do modelo de DRESSLER, e determinante da escolha da metateoria, é a questão semântica.

Essa coerência interna, também evidenciada na elaboração das escalas de naturalidade através de sua total fidelidade à concepção composicional de semântica e aos princípios gerais da metateoria, assim como a ousadia em aplicar o critério da naturalidade também à morfologia, atribuindo-lhe um status próprio e respeitando-lhe as peculiaridades, são méritos de DRESSLER.

Porém, na estruturação de seu modelo de morfologia natural, além da escolha de uma metateoria, o autor manifesta a necessidade de teorias auxiliares que justifiquem, em certo

sentido, as possíveis exceções às previsões das escalas. Assim, a Teoria da Tipologia de Línguas e a Teoria de Adequação ao Sistema garantem o não-falseamento de sua teoria da naturalidade de base semiótica, tornando o modelo extremamente poderoso e, de certa forma, pondo em questionamento a universalidade de sua proposta de naturalidade.

Neste contexto, a idéia de parâmetros de naturalidade parece ter sua correspondência nas recentes versões da Gramática Gerativa. Porém, contrário dos gerativistas que operavam como pólos opostos dentro de cada parâmetro, DRESSLER parece trabalhar com algo com o conceito de norma e desvio, sugerindo a existência de um universal único: a linguagem humana é icônica (diagramática). Partindo-se de um protótipo de língua natural, seria possível uma classificação das línguas particulares como naturais, não-naturais e antinaturais. Entretanto, a Tipologia de Línguas e a Adequação ao Sistema dão conta das não-naturais e das antinaturais, atingindo-se assim o universal da iconicidade.

Neste trabalho, a aplicação da escala de Iconicidade Construcional a dados do português mostrou que a derivação regressiva, considerada tradicionalmente como um processo subtrativo de formação de palavras, revela-se bastante produtiva no português. Essa produtividade da DR, somada ao fato de que, na escala em questão, a técnica da subtração ocupa o último lugar e que essa posição implica uma improdutividade geral do processo, resultou numa investigação sobre a DR.

A inclusão do português ao quadro das línguas pesquisadas por DRESSLER revelou uma semelhança tipológica dessa lín-

gua com o russo, no que se refere às regras produtivas. Já as discussões sobre a DR em alemão deixam em aberto um possível questionamento quanto à clareza dos critérios utilizados por DRESSLER para classificação das regras de formação de palavras, critérios esses que não classificam a DR em alemão como processo subtrativo.

A consideração da DR como um processo produtivo de subtração em português não coloca em risco a escala de Iconicidade Construcional, mas apenas reforça a necessidade da Teoria Tipológica proposta por DRESSLER.

Contudo, numa análise da Escala de Iconicidade Construcional através da semântica argumentativa permite considerar que, se cada técnica inserida nessa escala é um argumento, mais forte ou menos forte, em favor da conclusão de que os processos de formação de palavras são icônicos, ou seja, se a orientação da escala está voltada para a iconicidade plena (o grau máximo que a linguagem pode atingir), parece um tanto incoerente que a técnica da subtração, que, segundo o próprio DRESSLER, constitui um processo verdadeiramente **antidiagramático**, possa pertencer à mesma escala, visto ser a negação de seu pressuposto.

Na realidade, a subtração constitui argumento forte em favor da negação do pressuposto da iconicidade dos processos de formação de palavras, uma vez que a escala em que os enunciados negativos se encontram é inversa à escala dos enunciados afirmativos, como postula DUCROT. O mesmo ocorre com a supleção forte na escala de Transparência Morfossintática.

Como sugestão para trabalhos posteriores, é fundamental lembrar a importância de se aprofundarem os estudos sobre a vogal temática das DR deverbais e uma exposição do projeto de morfonologia de DRESSLER, enfatizando-se os critérios para distinção entre Regras Fonológicas, Morfológicas e Morfonológicas, assim como uma possível aplicação desses critérios às regras atuantes no português.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 ANDERSON, Stephen R. "Razões pelas quais a fonologia não é natural". In : MATEUS, Maria H.M., VILLALVA, Alina. Novas Perspectivas em Fonologia. Lisboa : Laboratório de Fonética da Faculdade de Letras de Lisboa, 1985. p.125-221.
- 2 ARONOFF, Mark. Word-Formation in Generative Grammar. Cambridge : MIT PRESS, 1976.
- 3 BARRETO, Mário. Novíssimos Estudos da Língua Portuguesa. 3. ed., Rio de Janeiro : Presença, 1980.
- 4 BASILIO, Margarida. "Derivação Regressiva : estudo preliminar". In : Linguagens/PVC - RJ : Lingüística/Estudos. v.1, n.1, Rio de Janeiro : Divisão de Intercâmbio e Edições da PUC/RJ, s/d. p.19-30.
- 5 _____. Teoria Lexical. Rio de Janeiro : Ática, 1987.
- 6 BENVENISTE, émile. Problemas de Lingüística Geral. São Paulo : Ed. Nacional : Ed. da Universidade de São Paulo, 1976. p.53-59.
- 7 CEGALLA, Domingos Paschoal. Novíssima Gramática da Língua Portuguesa. 14. ed., São Paulo : Companhia Editora Nacional, 1976.
- 8 CORREIA, João da Silva. O Problema do Simbolismo Fonético. Coimbra : Imprensa da Universidade, 1926.
- 9 COSERIU, Eugenio. Licções de Lingüística Geral. Rio de Janeiro : Ao Livro Técnico, 1980.
- 10 COUTINHO, Ismael de Lima. Gramática Histórica. 7. ed., Rio de Janeiro : Ao Livro Técnico, 1976.
- 11 CUNHA, Celso, CINTRA, Luís F.L.. Nova Gramática do Português Contemporâneo. 2. ed., Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1985.
- 12 DONEGAN, Patrícia J., STAMPE, David. "O Estudo da Fonologia Natural". In : MATEUS, Maria H.M., VILLALVA, Alina. Novas Perspectivas em Fonologia. Lisboa : Laboratório de Fonética da Faculdade de Letras de Lisboa, 1985. p.25-113.
- 13 DRACHMAN, Gaberell. "Teleological Explanation in Phonology". Phonologica - 1980. s/l., 1981, p.101-111.
- 14 DRESSLER, Wolfgang U. "On Word-Formation in Natural Morphology". In : Proceedings of the XIII th International Congress of Linguists, August 29 - September 4, 1982, Tokyo. Tokyo : CIPL (the Hague), 1983. p.172-182.
- 15 _____. Morphology : the dynamics of derivation. Ann Arbor : Karoma, 1985.
- 16 _____. "On the Predictiveness of Natural Morphology". Journal of Linguistics, v.21, 1985, p.321-337.
- 17 _____. "Introducción a la morfologia natural". Núcleo, v.2, 1985. p.2-19.
- 18 DUCROT, Oswald. Provar e dizer. São Paulo : Global, 1981.
- 19 HOOPER, Joan. "Os Princípios Substantivos da Fonologia". In : MATEUS, Maria H.M., VILLALVA, Alina. Novas Perspectivas em Fonologia. Lisboa : Laboratório de Fonética da Faculdade de Letras de Lisboa, 1985, p.229-263.
- 20 ILARI, Rodolfo. "Hipocorísticos e Geratividade". In : Estudos Lingüísticos. Anais de Seminários do GE1. n.8, Campinas, UNICAMP, 1984, p.207-216.

- 21 JAKOBSON, Roman. "A Procura da Essência da Linguagem". In : _____. Linguística e Comunicação. São Paulo : CULTRIX, 1971.
- 22 LOBATO, Lúcia M.P. "A Derivação Regressiva em Português". Artigo mimeografado, apresentado no curso Introdução à Gramática Gerativa, por ocasião do X Instituto de Linguística da ABRALIN no Rio de Janeiro, 1989.
- 23 LYONS, John. Introdução à Linguística Teórica. São Paulo : Ed. Nacional : Editora da Universidade, 1979.
- 24 _____. Linguagem e Linguística. Rio de Janeiro : ZAHAR Editores, 1981.
- 25 MARCHAND, H.. "Backderivation". In : _____. The Categories and Types of Present-Day English Word-Formation. München : Beck'sche Verlagsbuchhandlung. p.391-396.
- 26 MATEUS, Maria H.M., VILLALVA, Alina. Novas Perspectivas em Fonologia. Lisboa : Laboratório de Fonética da Faculdade de Letras de Lisboa, 1985.
- 27 MATHEWS, P.H.. "Word, Word-Form and Lexeme". In : _____. Morphology: an Introduction to the theory of word structure, Cambridge Textbooks in Linguistics. New York : 1974. p.20-59.
- 28 MELO, Gladstone, Chaves de. Gramática Fundamental da Língua Portuguesa. 3. ed., Rio de Janeiro : Ao Livro Técnico. 1978.
- 29 NEVES, Maria Helena de Moura. A Vertente Grega da Gramática Tradicional. São Paulo : HUCITEC, 1987.
- 30 PEIRCE, Charles Sanders. Semiótica e Filosofia. São Paulo : CULTRIX, s/d.
- 31 PENNANEN, Esko V. "Contributions to the study of back-formation in English". In : Acta Academiae Socialis, ser. A, v.4.
- 32 POSSENTI, Sírio. Algunas considerações sobre o problema da abstração das representações fonológicas. Dissertação de Mestrado. Campinas : UNICAMP, 1977.
- 33 POSTAL, P.M. Aspects of Phonological Theory. New York : Harper e Row, 1968.
- 34 SANDMANN, Antônio José. Formação de Palavras no Português Brasileiro Contemporâneo. Curitiba : Scientia et Labor : ícone, 1988.
- 35 SAUSSURE, Ferdinand de. Curso de Linguística Geral. 7. ed., São Paulo : CULTRIX, s/d.